

PERNAMBUCO

HALUNA BELTRÃO

OM211AMROJ

É HORA DA NARRATIVA
JORNALÍSTICA ENCARAR
SUA IMAGEM NO ESPELHO

COLABORADORES



Alexandre Staut,
jornalista e escritor.



Igor Gomes,
jornalista.



Rogério Pereira, editor
do *Rascunho* e autor de
Na escuridão amanhã.

E MAIS

Rodrigo Casarin, jornalista. **Yasmin Taketani,** jornalista. **Elena Ferrante,** escritora italiana, seu primeiro livro no Brasil, *A amiga genial*, será publicado este mês. **Hallina Beltrão,** designer.

CARTA DO EDITOR

Entre o pensar sobre o texto de capa desta edição e sua publicação, vários jornalistas no Brasil foram demitidos das redações da grande imprensa. Sem querer fazer prenúncios alarmistas, durante os dias que seguirão a esta publicação vários outros serão chamados à sala do RH. A cada “passaralho” desses, a cada título descaradamente tendencioso, a cada matéria desmentida, e a cada enquete absurda, se espalha a notícia apocalíptica de que o jornalismo morreu. Mas o fato (se ele ainda existe) é que esse momento de crise só tem a fortalecer o jornalismo não como o conhecemos, mas como gostaríamos de conhecê-lo. Diante de tantos questionamentos éticos e monetários sobre sua sobrevivência, o jornalismo parece finalmente encarar suas fissuras no espelho e essa autoanálise pode ser bastante proveitosa. Decidimos então dedicar nove páginas da edição de junho para abrir uma reflexão sobre a vitalidade da narrativa jornalística a partir tanto da matéria de capa, escrita por Carol Almeida, em que se entrevistam profissionais do jornalismo como Muniz

Sodré, Sylvia Moretzsohn, Cynara Menezes, Fabiana Moraes e Maria Carolina Trevisan, quanto de dois textos de Igor Gomes: um artigo sobre a experiência de um jovem jornalista dentro de uma grande redação, e outro sobre a realização desse e outros artigos que fizeram parte do trabalho de conclusão do curso de jornalismo do mesmo Igor.

Nossa edição de junho traz ainda um perfil da professora, editora e crítica literária Heloisa Buarque de Holanda, escrita por Alexandre Staut, que faz aqui uma revisão da aproximação entre a pesquisadora e sua leitura do prolífico pensamento periférico no Brasil; uma entrevista com o escritor Bernardo Ajzenberg, que conversa com Yasmin Taketani sobre seu mais novo livro, *Minha vida sem banho*; texto inédito do primeiro livro traduzido no Brasil da escritora italiana Elena Ferrante, tida como a nova “sensação da literatura” segundo o jornal inglês *The guardian*; uma resenha afetiva que Raimundo Carrero faz do livro da estreia de Karina Buhr e muito mais.

Uma boa leitura a todas e todos.

PERNAMBUCO

GOVERNO DO ESTADO
DE PERNAMBUCO

Governador

Paulo Henrique Saraiva Câmara

Vice-governador

Raul Henry

Secretário da Casa Civil

Antonio Carlos Figueira

COMPANHIA EDITORA
DE PERNAMBUCO - CEPE

Presidente

Ricardo Leitão

Diretor de Produção e Edição

Ricardo Melo

Diretor Administrativo e Financeiro

Bráulio Menezes

CONSELHO EDITORIAL

Everardo Norões (presidente)

Lourival Holanda

Nelly Medeiros de Carvalho

Pedro Américo de Farias

Tarcísio Pereira

SUPERINTENDENTE DE EDIÇÃO
Adriana Dória Matos

SUPERINTENDENTE DE CRIAÇÃO
Luiz Arrais

EDIÇÃO

Schneider Carpegiani e Carol Almeida

REDAÇÃO

Dudley Barbosa (revisão), Marco Polo, Mariza Pontes e Raimundo Carrero (colunistas), Fernando Athayde e Priscilla Campos (estagiários)

ARTE

Hana Luzia, Janio Santos e Karina Freitas (diagramação e ilustração)

Agelson Soares e Pedro Ferraz (tratamento de imagem)

PRODUÇÃO GRÁFICA

Eliseu Souza, Joselma Firmino, Júlio Gonçalves e Sóstenes Fernandes

MARKETING E PUBLICIDADE

Daniela Brayner, Rafael Lins e Rosana Galvão

COMERCIAL E CIRCULAÇÃO

Gilberto Silva

Cepe
EDITORA

PERNAMBUCO é uma publicação da
Companhia Editora de Pernambuco - CEPE
Rua Coelho Leite, 530 - Santo Amaro - Recife
CEP: 50100-140

Contatos com a Redação
3183.2787 | redacao@suplementope.com.br

SUA REVISTA DE CULTURA
AGORA, TAMBÉM,
NA VERSÃO DIGITAL.



A revista *Continente* completa 15 anos com uma novidade pioneira no Nordeste: ganhou versão digital. Isso significa que, agora, você também tem a melhor informação sobre arte, cultura, história e comportamento no seu tablet. Tudo com interatividade e conteúdos extras de vídeo e áudio. Faça o download do app Revista *Continente* e tenha acesso, gratuitamente, às edições #171 e #172 para navegar e experimentar.



ASSINATURA ANUAL R\$ 150,00 IMPRESSA + DIGITAL

revistacontinente.com.br | f/revistacontinente | @revistacontinente | @revistacontinente

BASTIDORES

Livre-me de pesos jornalísticos

Nesta edição sobre o jornalismo, o depoimento de um ex-estudante que fez do seu trabalho de conclusão de curso um depoimento sobre o status da sua profissão hoje

KARINA FREITAS



Igor Gomes

Na redação de um jornal, a gente conta os dias pelas histórias. “Você lembra daquele dia em que...”, perguntamo-nos uns aos outros. É um lugar sem janelas, sabe? Sim, a redação. O sol não entra. Eles dizem que, quando menos se espera, vinte anos correram e você permanece ali levando ordens de um mesmo chefe, a ver estagiários sucederem uns aos outros.

Eles têm tantas histórias (muitas perdas), e, com certeza, mais de vinte anos lá. Na redação. Editores, repórteres, repórteres especiais e também motoristas e contínuos. *Ombudsman* não há mais; aposentaram o velho de cabeça afiada que dava dor de cabeça por “não elogiar nunca”. Depois colocaram uma figura lá que só fazia aplaudir.

Não passei, eu, vinte anos na redação; foi apenas um ano e meio. Escrevia como estagiário no caderno de economia em um jornal impresso do Recife. E, bem, foi inevitável. Assim como os mais velhos, contei os dias pelas histórias. São poucas, se comparadas às deles. Mas são histórias. E ainda meço aqueles dias de jornal por elas.

Na universidade, a gente conta os dias pelos dias que faltam para o fim. Quando chegou a hora de apresentar um pré-projeto para o trabalho de conclusão de curso, TCC, veio a pergunta: “Que porra eu vou escrever?”

Decidi pelo que vi, vivi e ouvi. Cheguei a pensar em um negócio numérico e “entrevistativo”, sabe? Na prática não rolou. Eu estava no fim da graduação, casei e adotei um cachorro. Talvez você não entenda, mas tudo isso fez o trabalho pedir sentido afetivo, entrar em sintonia, ter uma utilidade muito maior que a de entregar algumas umas folhas para ganhar um diploma.

Por isso escolhi crônicas. Quando cresceu o desejo de sair do jornal, precisei, por impulsos obscuros, deixar meu texto maior, mais elaborado. Criativo, talvez. Ir além da feitura industrial de matérias.

Foi daí que surgiu um TCC de treze crônicas sobre a redação, a universidade e alguns textos à guisa de “perspectivas” – todas sombrias.

São 01h01 da manhã. Estou quase caindo em cima do teclado. Não vou buscar qualquer definição do que é uma crônica. Só vêm à mente algumas palavras que Jorge Luís Borges dissera em entrevista à *Veja* nos idos de 1970. Detestava, ele, o jornalismo porque este “escamoteia e contamina a literatura”. A crônica, em verdade, caminha no limiar entre ambos.

Não sei se é cilada para a literatura. Talvez seja. Reportagens levam, quando muito, alguns meses para serem concluídas, enquanto obras literárias, em geral, precisam de anos para sair. O que posso te dizer com segurança é que esse tom literário de algumas reportagens, furto estético que o jornalismo faz à arte de Borges, pode ser uma forma de protesto (consciente ou não) contra esse ritmo industrial e empobrecedor que as redações vivem cotidianamente. É uma forma de injetar vida.

A literatura (ou “literatura”? Não sei) deu a algumas formas de jornalismo sobrevida indefinida. São

muitas as crônicas que, unidas, viraram coletâneas. Livros. Não morrem mais ao pôr do sol.

Eu tinha o gênero de texto, tinha o objetivo, tinha o prazo (apertadíssimo).

De saída, as crônicas tinham esse cheiro forte de sei lá o quê, e esse tom ácido, que veio sem ser chamado. Ele existe em nós – estudantes de jornalismo, jornalistas. Mesmo. Cresce ao lidarmos com casos de perigo, constrangimento, alguma humilhação, machismos, professores loucos, baixos salários, demissões. O ar de lá (da redação, isso) não circula porque, porra, não tem uma única janela aberta. É foda. Nossos corpos criam gosmas ácidas (ou forte sequeidão, depende, não posso explicar agora) para sobreviver naquele ambiente que, mesmo com coisas engraçadas, é insalubre sim, senhor. E não creio ser surpresa eu dizer agora que a gosma também encontrava morada nas histórias da universidade. Pois é.

Tem gente boa, tem sim. Mas seria Poliana demais se me detivesse muito neles. Não era meu desejo. Queria dar asas às cobras. Livrar-me desses pesos é uma forma genuína de afeto. Por mim e por eles.

O primeiro texto que escrevi, meu deus, parecia mais artigo opinativo. Mas a acidez estava lá. Falava sobre um pobre editor pressionado por seus subordinados, incapaz de desafiar a chefia por medo da demissão. Uma metáfora louca com partes do corpo humano (o editor era o pescoço onde palavras ficavam travadas).

Testei poucas diferentes formas de narrar. Escrevi um quase-roteiro de cena de filme, uma transcrição de áudio. Além delas, as tradicionais em primeira e terceira pessoas, crônicas-diálogos, várias em uma só. Todas entraram no trabalho.

Aqui devo te dizer que a maior parte das histórias não foi protagonizada por mim. Posso tê-las presenciado ou tê-las ouvido com detalhes. Se tornaram minhas quando as conheci, as reconstruí em mim e as narrei. É assim que se faz jornalismo, no fim das contas – um ouvir, às vezes ver e sempre reconstruir um fato.

Talvez, não sei, todas as profissões enumerem os dias pelas histórias. A diferença é que, no jornal, nós as contamos como ofício legítimo. Histórias que derrubam políticos, salvam vidas. Casos que, muitas vezes, despertam nojo em quem as escreve. Estes me interessaram em especial porque são ícones do estado de derrotismo que prevalece naquele ambiente da redação. Cada vez mais sem leitores por conta da internet e ainda reféns do jogo político-econômico, os jornais impressos parecem estar a caminho de seu próprio funeral.

Ao cabo, os treze textos viraram carne. Batizei o conjunto de *A escola de jornalismo* – homônimo ao livro que Joseph Pulitzer escreveu para tentar estabelecer as bases do ensino universitário da profissão, no início do século 20. Foi um dos primeiros livros que li na graduação. Seu nome simboliza uma formação que é minha e só minha, mas que ecoa em muitos jornalistas.

Espero que você tenha entendido. Não tenho qualquer pretensão professoral. Meu intuito é contar histórias.

Leia texto do projeto do autor na seção de Inéditos

PERFIL

D. Marginália continua atenta ao fora do eixo

Heloisa Buarque de Holanda comenta as novas falas ouvidas na periferia

Alexandre Staut

FOTOS: MARCELO CORREA / DIVULGAÇÃO



“A cultura dos excluídos é a grande novidade e força do Brasil neste século 21.” A frase é de Heloisa Buarque de Holanda, professora, editora, crítica literária e pesquisadora. Há uns anos, ela se aproximou da produção artístico-cultural das periferias, de onde não quis mais sair, por considerá-la vibrante.

“Comecei a perceber a força do *hip-hop* e de outras manifestações jovens e me embrenhei no campo e no assunto”, conta ela, que tem estudado “os excluídos” tanto do ponto de vista histórico da formação e desenvolvimento cultural das favelas, no século 19, como sob efeito da globalização, das redes sociais e das novas mídias digitais.

“Hoje, a verdadeira literatura marginal é aquela feita na periferia”, esclarece, passados 40 anos da publicação da antologia *26 poetas hoje*, em que ela reuniu autores da geração mimeógrafo, um projeto ferozmente anticanônico e que se tornou ícone da poesia nacional.

Heloisa se aproximou do seu novo campo de estudo em 1993, por ocasião das chacinas da Candelária e de Vigário Geral, no Rio de Janeiro. “Muitos intelectuais indignados se aproximaram das favelas e começaram a desenvolver projetos inclusivos. Nesse momento, percebi a força da cultura como recurso para transformação de comunidades e organizei um seminário na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) chamado ‘Sinais de Turbulência’ para discutir a questão. Nunca mais me afastei desse trabalho”, diz.

Assim criou a Universidade das Quebradas, um laboratório para produtores culturais das periferias que trocam conhecimento e *know how* com professores e pesquisadores da UFRJ. “A troca é incrível e mostra como a cultura da periferia tem sido silenciada e mesmo rejeitada durante tanto tempo, e ao mesmo tempo explicita sua força e presença no tecido urbano.”

Cidade partida, de Zuenir Ventura e *Cidade de Deus*, de Paulo Lins, são livros que chamaram a sua atenção para o tema que estava no imaginário simbólico do Rio de Janeiro, cidade que ela, nascida em Ribeirão

“Hoje, a verdadeira literatura marginal é aquela feita na periferia”, diz a organizadora da clássica antologia 26 poetas hoje

Preto (SP), adotou há muito tempo. “Daí pra frente passei a estudar autores como Ferrez, Sergio Vaz, Sacolinha, Dinha e tantos outros que compõem a nova literatura marginal, como eles autoneameiam a própria produção.”

Entre as manifestações que acompanha, ela cita os saraus da Cooperifa, de São Paulo. “Estive várias vezes nos encontros. Desperta emoção! É lindo ver a poesia alimentando tantos sonhos e empoderando tanta gente. Das melhores coisas que me aconteceram na área da cultura”, diz. Questionada se já pensou em organizar uma antologia com poetas/escritores da periferia, ela lança: “Não faria isso porque os poetas das periferias têm competência para fazê-lo. Respeito esse território. Já temos algumas antologias históricas nesse sentido e todas muito importantes.”

Mas, além da literatura, ela cita outras manifestações pelas quais jovens da periferia conseguem impor sua voz no Brasil: os músicos Mano Brown, MV Bill, Ecio Salles, o agitador cultural Junior Perin e o dramaturgo Marcus Vinícius Faustini, todos exemplos de resistência cultural. Ainda fala da cantora Valesca



(Popozuda) e dos rolezinhos nos *shoppings* em São Paulo, ocorridos em 2013.

“Valesca é entretenimento e é carismática, e dessa forma é natural que seus memes peguem como pegou o ‘beijinho no ombro’. Os ‘rolezinhos’ são os famosos *flash mobs*, ou seja, encontros episódicos mobilizados pela internet, como são as novas manifestações de rua. Isso, nos templos do consumo, tem um sentido bem forte de crítica à exclusão econômica.”

Em sua aproximação com a periferia, a pesquisadora percebeu que jovens usam recursos da internet com maestria. Se não fosse por este meio, acredita que o impacto da cultura das favelas não fosse o mesmo.

De acordo com Heloisa, a universidade começa a se abrir para o tema, mas ainda com “luvas de pelica”, para usar sua expressão. A mídia tem dado mais espaço também, vide a invasão de núcleos de favelas nas novelas da Rede Globo *Babilônia* e *I love Paraisópolis*, a primeira filmada no Morro da Babilônia, no Rio de Janeiro, e a segunda num bairro pobre de São Paulo.

“A chamada classe C tornou-se um nicho de consumo valioso para a mídia. Pena que o atual desastre econômico esteja fragilizando a nova classe média, um fenômeno mais do que bem-vindo”, diz. Perguntada sobre possíveis políticas públicas para a diversidade das periferias, ela diz que o ministro da cultura, Juca Ferreira, tem um xodó bastante evidente por esta cultura. “Se ele tivesse dinheiro, certamente investiria pesado na ampliação dessas redes.”

RAÇA E GÊNERO

Pouco antes de se debruçar sobre as periferias, a pesquisadora teve um centro de estudos na escola de Comunicação da UFRJ chamado Centro Interdisciplinar de Estudos Culturais, campo de saber que oferecia leque instrumental teórico para o trabalho com as chamadas minorias.

Nesse Centro, a produção foi intensa, com seminários internacionais e catálogos de registros da participação da mulher na cultura brasileira.

Pelo olhar da pesquisadora passam figuras como Valesca e os “rolezinhos”, os tais flash mobs de shopping center

“Coordenei um grande projeto apoiado pela Fundação Ford sobre a questão racial e suas representações, a partir das comemorações, em âmbito nacional, dos 100 anos da Abolição. Escrevi e publiquei bastante sobre o assunto”, conta.

O registro dessas pesquisas está no acervo do Programa Avançado de Cultura Contemporânea, que Helô coordena na UFRJ, e reúne projetos realizados pelo Centro, como o Encontro de Cinema Negro Brasil, África e Caribe.

O evento ocorreu há alguns meses nos espaços do Cinema Odeon e Centro Cultural da Justiça Federal, homenageando no Brasil, Zózimo Bulbul e, na África, o diretor do Mali, Cheik Oumar Sissoko, com filmes que trazem as peculiaridades da população afro-brasileira e a sua essência multicultural.

No site do programa, ainda constam links com aulas inaugurais emocionantes de Heloisa Buarque no começo do ano letivo do ano passado, quando ela conta um pouco da sua carreira.

“Por motivo que a esta altura já esqueci, escolhi e me graduei em Letras Clássicas. Durante o curso

li e reli as obras de praxe do universo greco-latino, mergulhando sem máscara nem bala de oxigênio – portanto passível de falta de ar –, num mundo meio mágico e muito magnético que é a literatura e a poesia clássicas (...) Entrei em Letras como professora de literatura brasileira, em 1965, assistente de Afrânio Coutinho, meu orientador no mestrado e doutorado. Minha tese de mestrado foi claramente um rito de passagem entre meus estudos clássicos e o Brasil dos anos 1960. Escolhi como objeto *Macunaíma* (de Mário de Andrade) – o deus amazônico da mentira – a mais ambígua, híbrida, apaixonada e equilibrista obra da literatura brasileira.”

Para ela, o olhar que se forma sobre a perspectiva de raça e gênero nunca mais abandona a pessoa que trabalhou com isso. “É o meu caso, ainda que esteja lidando hoje com novas questões”, diz ela. “Hoje, ando muito animada com o novo feminismo jovem que está emergindo nas universidades.”

O feminismo atual que a pesquisadora cita vem carregado de ícones da cultura pop – como MC Lidi, da Baixada Fluminense, a cantora americana Beyoncé e a pintora mexicana Frida Kahlo –, fazendo-se presente ainda na literatura e no cinema e tendo como base, ou QG, o Facebook.

Foi na rede social que apareceu o convite para a marcha do Dia Internacional da Minissaia, que aconteceu na Praia de Copacabana, criado por meninas do bloco de carnaval Mulheres Rodadas. “O tamanho da saia sou eu que escolho! Sem ameaça, sem constrangimento. Tire a sua minissaia do armário e venha ser feliz!”, pregava o convite para o protesto embalado a canções como *Dancin’ Days*, d’As Frenéticas.

O feminismo que Heloisa tem acompanhado é lúdico e tem tom artístico. Como exemplo está a Marcha das Vadias, que foi inspirado num movimento canadense de 2011. As novas feministas ainda fazem batucada em escolas cariocas em repúdio à misoginia do deputado federal Jair Bolsonaro (PP) e também abarcam causas para além do movimento feminista, levantando bandeiras também em apoio ao movimento gay.

ENTREVISTA

Bernardo Ajzenberg

“Um autor não precisa admirar seu protagonista”

Nessa conversa, o autor de *Minha vida sem banho* fala sobre como seus personagens refletem as falhas de todos os humanos durante a busca pela (ilusão) da felicidade

FOTO: DIVULGAÇÃO



Entrevista a **Yasmin Taketani**

Bernardo Ajzenberg é um homem de *timing*. Na trilha de *Minha vida sem banho* (Rocco), novo romance do escritor, veio a crise hídrica em São Paulo, e muitos paulistanos se viram na mesma condição de seu protagonista. Este, ao menos, optou por cortar o banho de sua rotina.

A partir da decisão de Célio, funcionário de um instituto em prol do meio ambiente, a história segue por situações embaraçosas e divertidas. Em paralelo, o relacionamento conturbado com a namorada, o pai em crise e uma doença na família afetam o personagem e seu Projeto.

Na entrevista a seguir, concedida via e-mail, Bernardo Ajzenberg – autor de *Variações Goldman*, *Olhos secos* e *A gaiola de Faraday*, entre outros – fala

sobre o personagem que tenta se afirmar, ideologias, busca pela felicidade... Muitos assuntos neste livro que nos conduz, com fluidez e humor elegante, por três gerações e grandes eventos históricos.

Os ideais grandiosos de Célio contrastam com seu perfil um tanto inosso e com o fracasso de seus relacionamentos pessoais – assim como o passado militante não impediu seu pai de se sentir, posteriormente, um impostor. Onde esses personagens falham? Eles falham onde todos nós, de uma forma ou de outra, por sermos humanos, falhamos: acreditar na ilusão da felicidade. É um grande risco atribuir a um suporte ideológico e a um ativismo social, qualquer que seja ele, a capacidade de compensar frustrações afetivas

ou dúvidas existenciais profundas, ou até mesmo ações execráveis. Nesse sentido, Célio e Waisman (o pai) realmente se parecem. Eu entendo, no entanto, que, ao longo de sua história, o Célio vai ganhando certa vantagem, a partir inclusive do conhecimento da vida do pai. Ele abre, assim, a possibilidade de não repetir a mesma trajetória de desencantamento.

À medida que leva adiante seu Projeto, Célio se percebe como indivíduo único, dono de uma identidade. Por que ele a perdeu ou não chegou a formar? E onde encontrá-la? Ele é um jovem, tem por volta de trinta anos de idade. Vive numa metrópole, está justamente no momento das escolhas fundamentais e, acredito, definitivas. Eu o criei assim por me parecer esse o momento da vida em que a identidade começa a se afirmar. Antes, são ensaios, são tiros no escuro, por mais que não os enxerguemos assim quando os vivenciamos. No fundo, é um momento lindo, difícil, como a adolescência, mas que, visto retrospectivamente, pode nos levar, muitas vezes, a lágrimas de nostalgia. Este livro me parece, nesse aspecto, otimista: o Célio encontra a possibilidade de se afirmar não só apoiado na esdrúxula decisão de deixar de tomar banho, mas também na negação do pai.

De que maneira a escrita ajuda-o a se localizar no mundo?

A gente não se localiza no mundo. O mundo é que localiza a gente, e de forma mutável ao longo do tempo. De certa maneira, publicar um livro ou divulgar qualquer obra de arte é lançar ao mar uma garrafa com alguma mensagem dentro. Como quem diz “Olha, eu estou por aqui e dou esse sinal porque tenho alguma coisa que pode ser legal para alguém conhecer”. Quanto ao que vai acontecer com essa garrafa e a mensagem, você não tem controle algum. Por outro lado, a escrita me permite ruminar e colocar para fora os meus desarranjos internos; as minhas incertezas; as perguntas talvez irrespondíveis que nunca param de surgir dentro de mim; retraçar a minha própria história, que eu sei – e só por

“Ter algumas ideias, afirmar convicções, isso é necessário; mas tão necessário quanto isso é estar aberto a revisá-las”

“Talvez envelhecer bem signifique justamente enxergar a possibilidade de alguma beleza nisso tudo.”

isso faz sentido publicar -, nunca será apenas minha.

Você participou de grupos políticos durante a ditadura. Possui algum tipo de engajamento hoje? Por que ideais acredita que vale a pena lutar?

Pessoalmente, acabei desenvolvendo uma ojeriza à ideia de pertencer a grupos, movimentos, partidos ou seitas de qualquer tipo, mesmo no plano artístico ou cultural. Ter ideias, afirmar convicções, isso é necessário; mas tão necessário quanto isso é estar aberto a revisá-las, a ouvir de verdade o que os outros dizem; refletir sobre visões ou atitudes divergentes. O sectarismo, que é sempre acompanhado de arrogância e empáfia, me dá náuseas. *Minha vida sem banho* é também sobre isso. Num plano mais amplo, não tenho nenhuma dúvida de que trago em mim, como se diz, um coração internacionalista que clama por justiça social e liberdade.

Todos os personagens parecem decepcionados – se não uns com os outros, com si próprios. Como não se deixar definir pela decepção? Ou o que lhes traria uma certa paz?

Há uma frustração generalizada. Não quero fazer grandiloquência, mas não dá para deixar de dizer que o século 20, apesar de inúmeros avanços científicos, tecnológicos, e alguns culturais, apesar de tantas esperanças, foi no fundo uma grande merda para a humanidade! E ela está muito, muito longe de ter tirado as devidas lições disso, se é que um dia conseguirá tirá-las. Estamos

em crise profunda, e duvido que alguém enxergue a saída. Meus personagens, acredito, refletem esse momento e, como todo mundo, tateiam em busca de metáforas existenciais. Nem mesmo a religião, da qual estão afastados, lhes serve de algum consolo. Quanto à ideologia, simplesmente se afogam num mar tumultuado e viscoso, com ondas disso ou daquilo, sem âncora ou tábua de salvação aparente.

Enquanto se procura a solução para a humanidade, como podemos chegar ao meio-termo entre negação da realidade e desespero total? Como não cair nos extremos de sofrer pelo mundo ou perder a sensibilidade?

Não consigo acreditar que haja uma solução. Cada vez mais eu me convenço que, na prática, a vida, a humanidade, esses conceitos tão genéricos, são assim mesmo, cheios de imperfeições. E que talvez envelhecer bem signifique justamente enxergar a possibilidade de alguma beleza nisso tudo. O meio-termo pode ser esse. Não se trata de conformismo, pois não estou pregando a imobilidade ou a resignação, mas de procurar reencaixar as expectativas e as ações necessárias para a sua realização.

O filósofo Dale Jamieson argumenta que o aquecimento global não pode ser desfeito, restando a nós reduzir sua velocidade e nos adaptar a ele, inclusive no sentido moral: virtudes como humildade,

temperança, simplicidade, cooperação e respeito pela natureza seriam necessárias, diz Jamieson. Temos ou poderíamos alcançar essas características?

Esse é o “beabá” de qualquer civilização digna desse nome. Podemos querer ser otimistas e achar que isso é possível a partir de campanhas de conscientização, mobilizações públicas etc. Tudo isso é importante, mas me parece não tocar no essencial: a forma de organização econômica e social prevalecente. Tenho muitas dúvidas se ela é compatível com esse cardápio quase quimérico.

O romance passa por temas como ambientalismo, ditadura militar e holocausto. No entanto, seriam as coincidências e as pequenas ações que ganham dimensão ainda maior nessa história?

A História sempre me fascinou muito, desde muito jovem. Sempre li e continuo a ler a respeito; talvez seja hoje em dia a minha leitura predileta. Não como disciplina acadêmica, mas como aquilo que nos localiza no mundo, para retomar a expressão de uma pergunta anterior. Como ficcionista, me interesso pelos conflitos pessoais, pela hipocrisia dos relacionamentos, pelos riscos inescapáveis do amor, pela fragilidade dos laços familiares, pelos desafios incontornáveis lançados para quem almeja construir e, acima de tudo, preservar uma amizade. Mas, na minha cabeça, esses dois universos – pessoas e mundo – estão absolutamente fundidos. Eu procuro retratar esse conjunto nos meus livros. As ações banais

do cotidiano podem se tornar explosivas, nas nossas mentes, quando mescladas aos temas sociais e históricos mais amplos. A literatura permite que você faça essa unificação. É um de seus atributos mais fascinantes, tanto para quem lê quanto para quem escreve.

E o que admira no protagonista?

Para criar um bom personagem, o autor não precisa necessariamente admirá-lo. O Célio muitas vezes chega a me enjoar, como, por exemplo, na hipocrisia dele em relação a Débora, sua namorada. Assim como me irrita com Flora, a mãe dele, tão bela quanto manipuladora. Por outro lado, admiro a coragem do advogado Wiesen, amigo da família que, no fim das contas, é quem fala da ditadura militar no Brasil, do holocausto, da própria história pessoal de Célio, e num momento de luto, abre as portas para que o protagonista possa encontrar algum caminho.

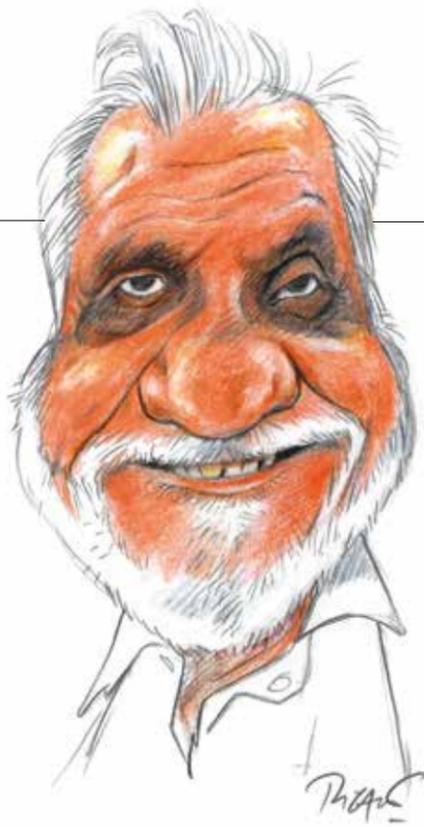
Célio, um burocrata algo monótono, destaca-se e passa a ser respeitado a partir do momento em que para de tomar banho. Essa supervalorização, digamos, do que soa escandaloso não é de hoje nem se restringe à ficção. Por que isso acontece?

É uma especulação minha: o mundo das redes sociais, que é onde o Célio se torna conhecido, em que pese suas inúmeras utilidades, vive dessas pirotécnicas, desses fenômenos fulgurantes, desses factóides destinados ao esquecimento. Quanto mais “escandaloso”, melhor. Faz parte do jogo. É

uma feira de curiosidades que se retroalimentam. E quanto mais individualizadas, melhor. As pessoas andam muito carentes de emoções autênticas, querem sair de um anonimato que lhes parece insuportável, e ficam procurando isso nas redes. Nem todas são assim, mas a maioria me parece se comportar como fantasmas anestesiados. Célio não pensou em nada disso ao tomar sua decisão, mas, ao torná-la pública em um *blog* sob o estímulo, para não dizer encomenda, de uma seita ambientalista (elas, de novo), ele caiu no olho desse furacão.

Após oito livros, o que norteia sua escrita literária?

A necessidade interna de trafegar tateando entre sentimentos, emoções, sensações, impressões e História. A intuição de que contar histórias é útil. A pretensão de achar que as perguntas que eu faço, as minhas angústias e vacilações, são as mesmas que frequentam as cabeças de milhares e milhares de pessoas. Que as investigações que eu sinto necessidade de realizar sobre o meu passado e o meu presente podem suscitar o interesse dessas pessoas, seja para entretenimento, seja para estimular as suas próprias buscas. Tudo isso, com uma possibilidade lúdica e alucinante que a escrita oferece: inventar personagens e situações, buscar as palavras certas, o ritmo adequado, as vozes narrativas mais apropriadas. E, em especial, a certeza de que os leitores fazem exatamente esse mesmo percurso fascinante, por outros meios, ao saborear um livro.



Raimundo CARRERO

Quem cria segredos inventa planos

As lições de escrita de
Stephen King, o mestre
maior do gênero *best-seller*

Escrever um romance não é só juntar palavras para contar uma boa história. É mais, muito mais, muito mais. Deve-se contar uma boa história, é claro, mas recorrer a técnicas e estratégias narrativas que seduzam o leitor. Com simplicidade e com sofisticação. É o que se aprende desde a *Odisseia*, de Homero, embora a técnica aí seja de epopeia e não de romance burguês, com suas manhas e artimanhas narrativas, cenas e cenários eficazes, diálogos inventivos e entrecruzados, montagem elaborada com cortes psicológicos e discursos metafóricos.

Tudo isso parece somente didática de Oficina Literária, mas não é bem assim. A elaboração técnica da ficção deve ser matéria de estudo e prática de todo escritor que se proponha a enfrentar o humano. Basta verificar agora o livro *Sobre a escrita*, de Stephen King. Sim, o mesmo Stephen King tão criticado e tão desprezado por uma certa crítica oficial pelo fato de vender milhões de exemplares, mais de 300 milhões de livros conforme a imprensa norte-americana. *Sobre a escrita* é um livro em que o autor mostra porque se tornou um escritor do rótulo horror, e oferece conselhos para os iniciantes. Tudo se explica porque a maioria dos escritores modernos dos EUA passou por uma cadeira de Redação Criativa, que nós costumamos chamar de Oficina Literária. As universidades norte-americanas costumam oferecer a cadeira de Redação com escritores consagrados ou professores reconhecidamente competentes nesta área – ou com obras, ou com a celebrada formação de escritores.

Stephen King começa justificando sua preferência pelo horror, narrando fatos fundamentais de sua infância e adolescência, que forjaram sua mente e, em consequência, influenciaram a escolha do tema. Ao mesmo tempo, porém, indica dois pontos para que o iniciante venha a se tornar um escritor: 1) Ler e escrever muito (tenho para mim que este é ponto decisivo); e 2) A primeira grande oficina literária é a leitura sistemática (também digo isso no meu livro *Os segredos da ficção*, quando falo sobre as condições objetivas do iniciante). Em síntese: ler, ler e ler; escrever, escrever e escrever.

O autor norte-americano apresenta uma relação dos livros e dos escritores que devem ser lidos. Divide a lista em três blocos, que seriam “Essenciais”, “Médios” e “Menores”. Uma relação de livros sempre funciona muito bem, e, no caso de King são centenas, misturando bons, competentes e medíocres. De minha parte, sou mais exigente: “só leia os essenciais, fundamentais e definitivos”, que são muitos e muitos. Não perca tempo com qualquer um. Nós já perdemos tempo com leviandade demais. E nunca leia com os olhos – leia sempre com a mente e, se possível, de olhos fechados.

Escreva sempre, todos os dias e na mesma hora, para ter uma mente treinada. Assim como não se deve ler qualquer um, também não se deve escrever de qualquer jeito. Use todo o tempo que tiver para fazer anotações – nomes de personagens, cenas,

DIVULGAÇÃO



cenários – e só depois trabalhe o texto, certo de que terá de fazer várias versões.

Em *Sobre a escrita*, King manda que os medíocres sejam lidos para aprender o que não se deve escrever. E cita o caso do romancista medíocre Murray Leinster, que num dos seus livros repete a palavra “arrebata-dor” várias vezes, concluindo: “até onde sei, nunca usei a palavra ‘arrebata-dor’ em qualquer história ou romance. E, se Deus quiser, nunca vou usar”.

Quanto à escrita, diz que se deve escrever em lugares especiais, ventilados e iluminados. É o que digo no meu livro já citado, mostrando que o corpo e a mente devem se acostumar com a escrita, deixando-se conduzir já de forma espontânea. Alerta, ainda, que mesmo escre-

Marco
Polo

MERCADO
EDITORIAL

POESIA

Em novo livro de poemas, o cearense Dércio Braúna exercita bem a colagem em versos secos e duros

O processo de colagem na literatura foi exercido com excepcional êxito pelos poetas de língua inglesa T. S. Eliot e Marianne Moore. Consiste na inserção de textos alheios em seus poemas, integrando-os de tal forma que dizia-se de Eliot que ele “eliotizava” os autores que incorporava. O poeta cearense Dércio Braúna (foto) adota esse processo com particular sucesso em seu

livro *Aridez lavrada pela carne disto* (Confraria do Vento). Citações que vão de Saramago a Manuel de Barros e de Vico a Diderot se “colam” organicamente aos seus versos secos, duros, incisivos. Braúna é um poeta originalíssimo e de dicção forte. Não há gorduras ou lirismos frouxos em sua obra, que trata a poesia e as coisas com uma virilidade austera não muito comum hoje em dia.

FOTO: DIVULGAÇÃO





vendo muito e muito o aprendiz deve parar quando o ato de escrever se transforma em trabalho. Ou seja, se transforma em obrigação sem alegria. Ele escreve quase sempre pelas manhãs, com um número determinado de palavras – e os norte-americanos sempre escrevem contando palavras, como testemunha Irving Wallace no livro sobre o processo criativo *O prêmio*, outro livro de incrível vendagem.

Mas quais seriam as condições objetivas para escrever? King responde: “Se possível, não tenha telefone em sua sala. Não coloque televisão ou vídeo que possa distraí-lo. Se tiver janela, feche as cortinas ou baixe as persianas, desde que elas não deem para uma parede nua. Para qualquer escritor e, em

particular, para o iniciante, é aconselhável eliminar todas as distrações possíveis. Quando entrar em seu espaço de escrita e fechar a porta, você já deve ter estabelecida uma meta diária de trabalho”.

Adiante, King lembra que é impossível se tornar escritor sem o domínio da gramática e sem o domínio de um bom vocabulário. São estas, aliás, as condições essenciais para se tornar escritor, embora nem sempre observadas pelos iniciantes. Lembra, por isso mesmo, que conheceu muitos escritores jovens que não liam nunca, ou, se liam apenas passavam os olhos nos livros. De minha parte, já encontrei muitos autores que diziam não ler para não sofrer influências.

CURSOS

Cursos para as várias fases da feitura de um livro

A Escola do Livro, que funciona na Câmara Brasileira do Livro (Rua Cristiano Viana, 91, Pinheiros, São Paulo, www.cbl.org.br) vem promovendo ao longo do ano uma série de cursos que interessam a todos que lidam com a cadeia produtiva literária, do autor ao livreiro, do livro impresso ao e-book. Informações e inscrições pelo e-mail escoladolivro@cbl.org.br ou pelo fone (11) 3069.1300.

CONCURSO

Concurso Nacional Cepe de Literatura tem seu prazo de inscrições ampliado para 26 de junho de 2015

Por conta do número de pedidos vindos de diversas partes do país, o Concurso Nacional Cepe de Literatura teve seu prazo de inscrições ampliado de 15 de maio para 26 de junho de 2015. O concurso dará 80 mil reais em prêmios, distribuídos em 20 mil reais para cada vencedor das categorias romance, contos, poesia e literatura infantojuvenil. O regulamento está disponível no portal

www.cepe.com.br e no site *editora.cepe.com.br*. O resultado deverá ocorrer no dia 16 de novembro e a premiação acontecerá no mês de dezembro. Os textos deverão ser inéditos e escritos em português, podendo concorrer brasileiros residentes no país ou no exterior e estrangeiros naturalizados residentes no Brasil. Dúvidas poderão ser dirimidas pelo e-mail cpl@cepe.com.br.

A Cepe – Companhia Editora de Pernambuco informa:

CRITÉRIOS PARA RECEBIMENTO E APRECIÇÃO DE ORIGINALS PELO CONSELHO EDITORIAL

- I** Os originais de livros submetidos à Cepe, exceto aqueles que a Diretoria considera projetos da própria Editora, são analisados pelo Conselho Editorial, que delibera a partir dos seguintes critérios:
1. Contribuição relevante à cultura.
 2. Sintonia com a linha editorial da Cepe, que privilegia:
 - a) A edição de obras inéditas, escritas ou traduzidas em português, com relevância cultural nos vários campos do conhecimento, suscetíveis de serem apreciadas pelo leitor e que preencham os seguintes requisitos: originalidade, correção, coerência e criatividade;
 - b) A reedição de obras de qualquer gênero da criação artística ou área do conhecimento científico, consideradas fundamentais para o patrimônio cultural;
 3. O Conselho não acolhe teses ou dissertações sem as modificações necessárias à edição e que contemplem a ampliação do universo de leitores, visando a democratização do conhecimento.
- II** Atendidos tais critérios, o Conselho emitirá parecer sobre o projeto analisado, que será comunicado ao proponente, cabendo à diretoria da Cepe decidir sobre a publicação.
- III** Os textos devem ser entregues em duas vias, em papel A4, conforme a nova ortografia, devidamente revisados, em fonte Times New Roman, tamanho 12, páginas numeradas, espaço de uma linha e meia, sem rasuras e contendo, quando for o caso, índices e bibliografias apresentados conforme as normas técnicas em vigor. A Cepe não se responsabiliza por eventuais trabalhos de copidesque.
- IV** Serão rejeitados originais que atentem contra a Declaração dos Direitos Humanos e fomentem a violência e as diversas formas de preconceito.
- V** Os originais devem ser encaminhados à Presidência da Cepe, para o endereço indicado a seguir, sob registro de correio ou protocolo, acompanhados de correspondência do autor, na qual informará seu currículo resumido e endereço para contato.
- VI** Os originais apresentados para análise não serão devolvidos.

Companhia Editora de Pernambuco
Presidência (originais para análise)
Rua Coelho Leite, 530 Santo Amaro
CEP 50100-140
Recife – Pernambuco

Cepe
COMPANHIA EDITORA DE
PERNAMBUCO

SECRETARIA
DA CASA CIVIL



GOVERNO DO ESTADO
Pernambuco
JUNTOS, FAZEMOS MAIS.

CAPA

HALLINA BELTRÃO



Crise: o lide de todas as revoluções

O contexto e as possibilidades geradas nas fissuras da grande imprensa

Carol Almeida

“Se você tivesse a infelicidade de matar sua amante, eu o ajudaria a esconder seu crime e ainda poderia estimá-lo; mas, caso se tornasse espião, eu fugiria horrorizado pois você estaria adotando a covardia e a infâmia como sistema de vida. Em poucas palavras, é isso o jornalismo.”

Honoré de Balzac em *Um grande homem da província em Paris*, 1839.

A cada ostentoso e assertivo discurso de como o jornalismo vem perdendo seu caráter de mediação da Verdade de maiúscula sacralizada, é preciso lembrar de Lucien. Cada vez que um arauto do jornalismo invoca a gênese iluminista, redentora e antiaristocrática da notícia, é preciso lembrar de Lucien. E sempre quando alguém ressuscita Machado de Assis em sua nobre definição do jornalismo como uma “hóstia social da comunhão pública”, precisamos escutar os ecos não tão distantes de Lucien Chardon, personagem de Balzac que, na primeira metade do século 19, soterrava a ideia de que o jornalismo pudesse ser a nobre e imparcial atividade da mediação entre fatos e pessoas. Precisamos lembrar da saga de Lucien para se tornar um jornalista porque já ali, muito antes da ideia de que a imprensa vive uma grande e “nova” crise ética e financeira, Balzac dava aos donos de jornais a alcunha de “coronéis” e definia o jornalismo não muito simpaticamente como “um abismo de iniquidades, mentiras e traições”.

A percepção do jornalismo como uma atividade de mais difamatória que informativa atravessa a própria história desse campo da comunicação. Ela não é, portanto, nova. Mas o fato é que, no Brasil e no mundo, diante das demissões em massa em todos os setores da grande imprensa (impresso, TV e web), e do encerramento das atividades de alguns jornais e revistas, parece ser inevitável colocar a respeitabilidade do jornalismo novamente na berlinda. Porque ao contrário de outros campos de produção que se extinguíram em função do uso de novas tecnologias, a crise do jornalismo enquanto profissão implica um debate sobre as estruturas morais da era moderna e, por tabela, sobre as ligações perigosas entre o público e o privado. Se hoje vivemos um momento em que nunca se discutiu tanto sobre jornalismo, isso pode ser tomado como um sinal de que nunca se discutiu tanto sobre quem é covarde e infame entre o poder e as pessoas. O jornalismo, que não é nem a santa de Machado nem a puta de Balzac, só tem a ganhar com esse debate.

Isso dito, é necessário afirmar que este texto, bem como todos os depoimentos colhidos por ele, são exercícios inconclusos. Assim como as dezenas de artigos e ensaios que, semanalmente, tentam desatar o emaranhado que se tornou a crise da grande imprensa e seus incontáveis “passaralhos” – verbete que vem ganhando popularidade,

dada a sua frequência nos últimos anos – o que se coloca aqui está bem longe de ser um guia de soluções ou possíveis saídas dessa crise. Aliás, a própria ideia do jornalismo-receita faz parte do quadro sintomático que levou este texto a existir. O que se pretende é buscar as dimensões extra-campo que colocam a narrativa jornalística como protagonista e simultaneamente antagonista dessa grande tragédia que é a falência moral de um capitalismo... moralista.

A conversão do jornalismo em conteúdo, a fetichização da velocidade da notícia, o crescimento da escola “jornalismo-Wando” (aquele que quer apenas te agradar, nunca te confrontar) e, no caso particular do Brasil, a pobre e simplista divisão dos meios em jornalismo-golpista x jornalismo-governista e o controle de maior parte da grande imprensa por empresários e políticos que estão diretamente envolvidos em casos de corrupção não são fenômenos isolados de contexto histórico. O jornalismo faz parte de um sistema, e mesmo que, em discurso poético, tenha o dever de fazer enfrentamento a ele, é natural que, com mais frequência, ele exista para legitimar as instituições que pagam pela sua sobrevivência. Frisemos que, em seu mais novo romance, *Número zero*, Umberto Eco faz um longo ensaio sobre o jornalismo enquanto “cão de guarda do poder”. Não é preciso dizer que essas relações ferem todos os preceitos de que o jornalismo é uma prática objetiva que reporta extratos da “realidade”, como se essa não fosse uma construção social e, portanto, extremamente subjetiva.

Para além de todo o debate urgente sobre a revisão do “modelo de negócio” do jornalismo e de notícias alarmantes – como as de que o tradicional jornal *The New York Times* publicará algumas de suas notícias direto no Facebook (sem *link* para a própria marca) –, o que há de novo sobre a falência múltipla dos órgãos da grande imprensa é que, finalmente, o jornalismo está encarando o temido espelho da subjetividade. Torna-se cada vez mais difícil para a sociedade caia no discurso dos veículos “imparciais”. Enferrujou o grilhão que aprisionava o texto jornalístico a essa falsa ideia de isenção. Diante disso, de um lado temos grandes empresas de jornalismo que ainda anunciam essa imparcialidade como moeda de sua credibilidade, causando assim uma espécie de mal-estar generalizado perante um público que, graças às redes sociais, se torna cada vez menos indulgente aos “deslizes” éticos da empresa jornalística e desse pretenso distanciamento emotivo dos fatos; do outro lado, surgem várias iniciativas que estão abraçando essa liberdade e, com ela, resgatando modelos narrativos que pareciam estar fadados ao fracasso com o surgimento da internet e da subsequente dispersão coletiva do planeta.

Além da aproximação subjetiva do sujeito narrador de seu objeto, em comum, quase todas essas

CAPA

HALLINA BELTRÃO



recém surgidas iniciativas carregam três aspectos cruciais para se entender a própria crise da grande imprensa. Primeiro, elas usam a *web* como plataforma. Segundo, por estarem hospedadas nesse ambiente desfronteiriço, onde não há limite de páginas e sobram possibilidades multimídias, elas provocam uma diferente abordagem do texto jornalístico, que se torna menos preso a amarras técnicas, como o sorumbático protagonismo do lide e da pirâmide invertida, onde o que era mais noticioso ganhava o topo do texto. Sem a pressão industrial de uma gráfica que precisa rodar o jornal, e cercada por um ambiente já tomado por não jornalistas que noticiam de seus celulares o “que, quem, onde e quando” dos fatos, essa rigidez da forma textual perde sentido. E terceiro, os novos empreendimentos jornalísticos nascem com frequência para fazer oposição à grande mídia porta-voz da santíssima trindade Tradição-Família-Propriedade. Sendo assim, se posicionam ideologicamente à esquerda do pensamento.

Naturalmente, “discussões sobre futuro e presente do jornalismo misturam várias agendas”, como bem cita um artigo recente que viralizou na *web* e cujo título já conta boa parte da história: “A reinvenção do jornalismo (*Spoiler*: é hora de abaixar o topete, mas de levantar a cabeça)”. No texto, o jornalista Leandro Beguoci, que foi a Nova York estudar os tais “novos modelos de negócios”,

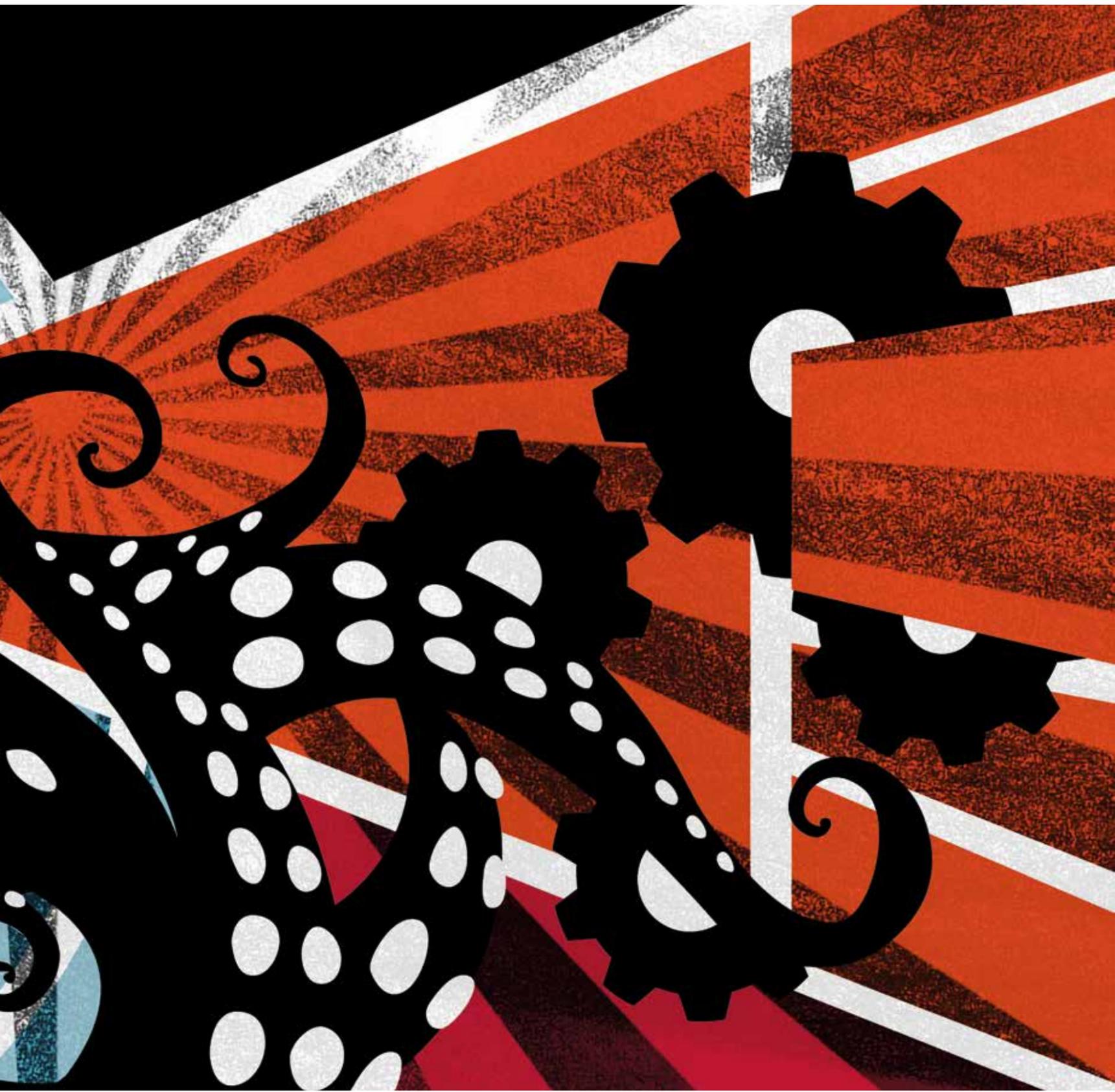
lembra o “paradoxo da Kodak”, uma empresa que, “ao atrelar seu futuro a um único jeito de ver a fotografia, com o processo máquina/filme/revelação”, afundou junto a ele. Beguoci vaticina que “a mesma coisa pode acontecer com os veículos de comunicação. As pessoas não vão se adaptar à forma como nós vemos o mundo, muito menos com a forma como nos preparamos para estar no mercado. Nós precisamos pensar em novas formas de concretizar o valor do jornalismo”. Em seu texto, o jornalista dá exemplos de “novas formas” que começam a chamar atenção nos Estados Unidos. Mas são muitas as abordagens e particularidades de cada país para que esses projetos vingam. A lembrar que, no Brasil, onde os poucos serviços públicos de jornalismo estão sucateados, uma das maiores agendas da comunicação é a regulamentação da mídia, defendida pela maior parte dos chamados jornalistas independentes e criticada em peso pelos oligopólios de notícias, que, com essa regulamentação, perderiam parte importante de seus latifúndios.

PARTICIPANTES ATIVOS

Do que já vem sendo feito, temos o exemplo recente dos *Jornalistas Livres*, rede de jornalistas que, em um manifesto publicado em abril de 2015, declara que: “não observamos os fatos como se estivéssemos deles distantes e alienad@s. Sabemos

que a mídia, o jornalismo e @s *jornalist@s* interferem diretamente naquilo que documentamos, reportamos e interpretamos. Não nos anulamos, não nos apagamos das fotografias, não nos escondemos atrás dos fatos para manipulá-los. Nos assumimos como participantes ativ@s dos fatos que reportamos”. Pensado e criado por jornalistas que, não há muito tempo, estavam nas redações de grandes e famosos jornais, essa rede ainda é uma experiência em teste, um espaço que reúne textos ora exclusivos para ele, ora reproduzidos de publicações parceiras. Por enquanto, ninguém paga para ler essas notícias, mas também ninguém recebe para escrevê-las. A ideia é criar a procura para posteriormente viabilizar o modelo financeiramente.

“A rede começou por conta da conjuntura política do Brasil. Estávamos prestes a viver as duas manifestações de março [aquelas organizadas por grupos de Direita] e não queríamos que a narrativa dos fatos fosse dada apenas pela grande imprensa. Tínhamos a experiência d’*A conta da água*, um coletivo de coletivos que faz a cobertura da crise hídrica em São Paulo, e pensamos em repetir o modelo para temas que achamos essenciais: Democracia e Direitos Humanos. Foi na véspera das manifestações que criamos a rede *Jornalistas Livres*. A demanda por um outro olhar sobre esses temas foi tanta que rapidamente ganhamos muito



espaço nas redes sociais. Em pouco tempo, chegamos em quase 3 milhões de pessoas alcançadas e percebemos que havia um potencial importante que precisávamos explorar. Estamos aprendendo ainda - ao mesmo tempo em que fazemos -, mas a nossa ideia é que, ao juntarmos jornalistas experientes de todo o Brasil, jovens, coletivos que trabalham na nossa área de atuação, implementaremos um funcionamento em rede e chegaremos longe”, relata Maria Carolina Trevisan, uma das jornalistas que participam do núcleo dessa rede.

Outras iniciativas que têm sido tomadas como exemplos de jornalismo fora do modelo da grande imprensa usam, com frequência, o esquema de financiamento coletivo ou de colaboração espontânea para que jornalistas consigam ser pagos por suas reportagens. A *Agência pública*, o *Intervezes* e o site *Outras palavras* são exemplos de iniciativas coletivas. O *blog Socialista morena*, da jornalista Cynara Menezes, é um caso novo de iniciativa individual, ao menos no Brasil, onde ainda é rarefeito o universo de *blogs* jornalísticos autossustentados, para fugir ao modelo de negócios inflado das grandes empresas de jornalismo. Ex-repórter da revista *Carta capital*, ela está hoje 100% dedicada ao *Socialista morena* e espera mantê-lo (e se manter) com a assinatura voluntária de seus leitores:

“Posso dizer que minha pequena experiência com o *blog* vai contra a corrente. Nunca fiz *hangouts*,

não apareço na TV e não faço textos curtos, a não ser tuitadas. E, no entanto, alguns dos meus posts alcançam milhares de compartilhamentos nas redes sociais. Sempre penso em ação e reação. Assim como vai ter gente querendo textos curtos, vai ter gente querendo textos maiores. Mas eu acredito que, mais importante que tamanho, será a profundidade. Acho que tem uma demanda por profundidade. Pode ser menos gente, mas tem. Esse é um bom público para jornalistas”, ela afirma, e segue: “Estou convencida de que existe um nicho para leitores de esquerda no país, e sonho transformar o *Socialista morena* numa pequena revista *on-line*, com alguns colaboradores e conteúdo sofisticado, com viés socialista. As pessoas estão entendendo a proposta do *blog*, e já conquistei 400 assinantes desde que anunciei a independência, há dois meses. No próximo semestre também vai sair o primeiro livro com os posts mais lidos. O grande desafio do *blog* é, em primeiro lugar, mostrar que pode sobreviver à deriva dos grandes portais. A partir daí, poderei pensar em voos mais altos”.

Um dos casos mais bem-sucedidos entre essas iniciativas é o site americano *Narratively*. Lançado em 2012 em Nova York, o site, que conseguiu pagar suas primeiras contas via financiamento coletivo, surgiu com a ideia de contar histórias das pessoas invisíveis ao jornalismo diário. E o que começou

“O grande desafio do *blog* é mostrar que sobrevive à deriva dos grandes portais”, diz Cynara Menezes, do *Socialista morena*

apenas com narrativas de cidadãos nova-iorquinos hoje se espalha com a colaboração de jornalistas de várias partes do mundo, incluindo Brasil, com a única premissa de que histórias bem contadas sempre encontrarão leitores (e que os personagens mais interessantes podem ser nossos vizinhos). Um dos editores do site, William Akers, nos dá o seguinte depoimento: “Fiz faculdade para me tornar roteirista e terminei participando do jornal

CAPA

HALLINA BELTRÃO



universitário nesse período, que é onde boa parte dos americanos se torna jornalista. Sinto hoje que, quanto mais entendo de roteiro, melhor se torna o meu texto jornalístico e vice-versa. O *Narratively* preza por essa narrativa pessoal”.

“Acho que [essas iniciativas] mostram como o jornalismo é fundamental e pode sobreviver, desde que haja condição de sobrevivência dessas próprias iniciativas. Não acho que exista desinteresse do leitor, mas, no nosso caso, temos uma sociedade pouco habituada à leitura, e cada vez menos estimulada a isso, porque a internet parece que supre as necessidades de informação e entretenimento. Seria preciso desenvolver programas de incentivo à leitura, independentemente do formato (impresso ou digital), para que iniciativas assim fossem demandadas por um contingente crescente de pessoas, ao invés de se destinarem a pequenos nichos mais exigentes e qualificados”, opina a jornalista Sylvia Moretzsohn, autora de livros-base para o estudo do texto jornalístico como *Pensando contra os fatos* e *Jornalismo em tempo real*.

É com base nos textos de Moretzsohn, em artigos do professor Márcio Serelle (que trabalha com a recuperação do “eu” em narrativas jornalísticas) e da escritora Beatriz Sarlo e sua “guinada subjetiva” que a jornalista Fabiana Moraes clama “por um jornalismo de subjetividade” em seu mais recente

livro, *O nascimento de Joicy*, no qual se debruça sobre os bastidores de uma reportagem pela qual recebeu o Prêmio Esso de Jornalismo em 2011. “É preciso pensar em um jornalismo que se utilize, sem constrangimentos, da subjetividade, reconhecendo-a como um ganho fundamental na prática da reportagem e mesmo na notícia cotidiana. Nele, são considerados, e não negados, os elementos que escapam da ‘rede técnica’ dessa área de conhecimento. Assume-se que não é possível domar o mundo exterior - e o Outro - em sua totalidade (independentemente de estarmos lidando com um ‘fato’, ‘fenômeno’ ou ‘acontecimento’), mas que devemos, antes, incorporá-lo, dentro de nossas limitações, às práticas jornalísticas”, ela escreve.

Autora de reportagens extensas tecidas a partir quase sempre da história de pessoas anônimas, Fabiana é atenta também às armadilhas que o texto jornalístico subjetivo traz consigo. Em entrevista ao *Suplemento*, ela diz: “Os personagens são vetores para se falar de questões pertinentes a todos nós. É a ideia de partir do micro para tratar do macro. Esse é um ‘modelo’ de texto que me agrada, mas ele também pode ser bastante perigoso - me vêm à cabeça as histórias de ‘superação’ tão ao gosto do jornalismo, histórias de vida, pautas ‘humanizadas’ que são tantas vezes de uma qualidade bem duvidosa e servem mais para massagear o ego do

jornalista do que necessariamente provocar alguma fissura necessária. O formato do texto precisa ser observado, sem dúvida, testado e retestado. Penso bastante na ideia de uma estética da reportagem, algo que ainda não trouxemos para o debate, mas que é bem pertinente nesse contexto de novos modelos que vão surgindo no contexto da internet. Agora, sinceramente, acho que um texto bom (a história às vezes nem tem nada de heroica, diga-se), sem uma torrente de adjetivações, um texto que traga referências e mesmo reflita sobre si mesmo e a prática da escrita, sempre vai ser ‘o modelo’ que vai apaixonar o leitor.”

Os textos de Fabiana Moraes são publicados primordialmente no *Jornal do Commercio* de Pernambuco, e terminam repercutindo também em formato *on-line*. Mas, para quem não mais depende do papel, são infinitas as possibilidades de se criar uma dicção ainda mais liberta das normas técnicas. A jornalista Cynara Menezes relata: “Atualmente estou escrevendo exclusivamente para o *blog* e experimento uma liberdade muito grande de narrativa. Por exemplo: a escolha de palavras, que é muito vigiada nas redações, é totalmente livre. Assim, termos tidos como de ‘mau gosto’ nos manuais de redação podem aparecer em textos ou em entrevistas do *blog*, não são trocados por outros mais ‘elegantes’. Se um entrevistado fala



'mijar', escrevo 'mijar', não troco por urinar. Se eu falo da vagina e quero escrever boceta, escrevo boceta. Estas pequenas censuras do cotidiano são muito comuns nas redações e não vejo razão para que existam no digital. Quem dita o bom gosto? As elites donas de jornais, não? No meu *blog* não tem ditadura do bom gosto. Acho todo o formato de jornalismo que aprendemos no passado engessado, ultrapassado, desde a estrutura de 'pirâmide invertida' até as editorias".

Maria Carolina Trevisan, do *Jornalistas livres*, não é tão extrema quanto Cynara no que diz respeito ao formato do texto – "Eu não diria que o lide acabou, ele é uma ferramenta útil, que pode ser usada de forma mais criativa" –, mas também acredita que a ausência de textos melhores se deve, entre outros fatores, à falta de polifonia do jornalismo nos grandes meios brasileiros: "Acho que o texto jornalístico foi ficando vazio, não literário, e aos poucos foi deixando de lado a escuta. Isso é um grande erro porque o jornalismo se baseia também nas histórias das pessoas. Se deixamos isso de lado, perdemos boa parte do que é uma reportagem".

O jornalista e sociólogo Muniz Sodré reitera que a aproximação entre o texto jornalístico e o literário deve ser sempre uma das rotas de fuga do objetivismo da escola norte-americana que o currículo das universidades brasileiras, de uma forma geral,

vêm adotando: "A retórica literária sempre foi estimulante das transformações do texto jornalístico que, quando reduzido às fórmulas linguísticas da experiência textual norte-americana, torna-se seco, telegráfico, senão pretensioso em sua aparente objetividade. Ainda há lugar no jornalismo para narrar o cotidiano e ser verossímil", diz ele.

RUMO AO DESCONHECIDO

Autor de vários livros-referência do campo e professor da UFRJ, Sodré, que se diz um "pessimista ativo", tem uma leitura crítica e cética das macroestruturas com as quais o jornalismo nasceu e vive até hoje. Vê nas mudanças capitalistas uma ruptura que, em sua opinião, pode desacoplar o jornalismo da sociedade contemporânea: "A burguesia industrial vem cedendo lugar à burguesia financeira, que tem novos compromissos ideológicos. Não mais se trata de edificar a consciência de um sujeito voltado para valores como poupança, contenção física e perseverança, e sim de um sujeito adequado ao jogo volátil do mercado. Nesse contexto, os ideais que moldaram liberalmente o jornalismo e que pareciam muito sólidos 'liquefazem-se'. Acho, sim, que o jornalismo, tal e qual o concebíamos, possa não mais ser necessário ao sistema". Para ele, questões filosóficas, como a relação que fazemos entre tempo e espaço, seriamente alterada

nos últimos anos após a domesticação da internet, podem também colocar em xeque a existência do jornalismo nesse modelo em que ele é apresentado hoje: "A compressão do espaço pelo tempo, operada pela tecnologia eletrônica da comunicação, faz da velocidade o valor único da vida contemporânea. A ética perdeu-se nesse horizonte: a moralidade se mede pela capacidade circulatória dos bens e das reações. O jornalismo tradicional fazia parte de uma democracia das opiniões, mas já ingressamos numa democracia das emoções velozes e efêmeras".

Embora trabalhe também com essa ideia de um jornalismo sôfrego e sofrido em razão da velocidade fetichizada, Sylvia Moretzsohn vai no caminho contrário de Sodré quando diz que é justamente diante do cenário volátil que o jornalismo pode e deve ganhar terreno: "Eu francamente não creio no fim do jornalismo, embora o jornalismo seja produto da história: não existiu desde sempre e, tal como o conhecemos hoje, é fruto das revoluções liberais que derrubaram o Antigo Regime e se ancora nos ideais iluministas de esclarecimento. O mundo é cada vez mais complexo e cada vez mais necessita do jornalismo. Até para evitar a destruição da humanidade, o que não é uma hipótese descartável. Lembro sempre da resposta do Einstein quando lhe perguntaram como seria a terceira guerra mundial e ele disse: "A terceira eu não sei, mas a quarta será com tacapes", então, se chegarmos a essa tragédia, o jornalismo vai junto. Mas eu espero que não".

Na gradação rumo a um cenário mais otimista, Maria Carolina Trevisan, que também é coordenadora de um curso de Jornalismo e Políticas Públicas na USP, acredita que é possível ressuscitar o público consumidor de informação de uma possível dor-mência coletiva, estimulada por aquilo que ficou conhecido como jornalismo Homer Simpson – alusão a um encontro em 2005 de professores da USP com o editor-chefe do *Jornal Nacional*, William

“Os ideais que moldaram liberalmente o jornalismo e que pareciam sólidos ‘liquefazem-se’”, fala Muniz Sodré

Bonner, em que ele falava que o espectador médio do telejornal global era o típico pai de família com raciocínio lento. "Acho que temos que provocar a nossa própria relevância, construir essa necessidade de existir. Mostrar que não é possível ficar na superficialidade. Que isso não muda o mundo, não traz reflexão, aprendizado. Sou otimista. Creio que as pessoas querem participar da vida de maneira mais ativa, mais influente. Para isso, precisam estar unidas. Mesmo que falte tempo", afirma Trevisan.

Ainda sobre o tempo, é preciso lembrar que as notícias sobre o mercado de notícias correm muito rápido hoje, e que, durante a leitura apenas deste parágrafo final, possivelmente várias outras iniciativas, tanto de jornalistas independentes quanto de grandes corporações de comunicação, estão sendo criadas, novas demissões estão sendo realizadas, e novos acordos entre o Facebook e grandes marcas da imprensa estão sendo assinados. E ainda que a sua *timeline* lhe deixe com síndrome de ansiedade, é preciso ter calma nesse momento para não incorrer no erro de transformar o próprio debate do jornalismo em mais um *link* perdido num emaranhado de vídeos com gatos engraçados. Corremos o sério risco de ver fenececer a narrativa jornalística. Porém, mais grave do que isso, corremos também o risco de deixar de assistir ao milagre do renascimento dessa narrativa.

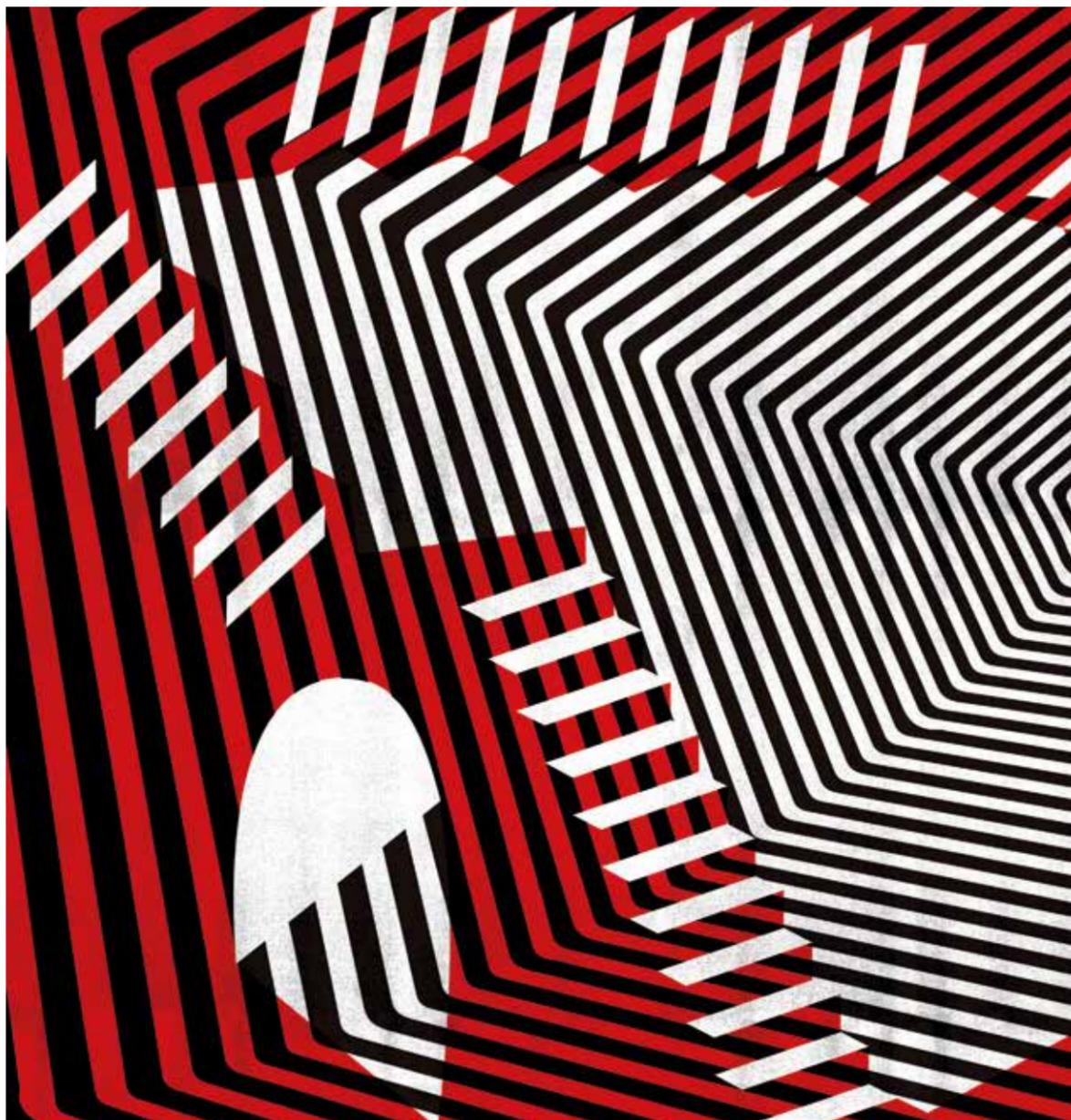
RESENHA

Nos labirintos de que são feitos os clichês

Conheça a literatura que brinca com matizes do *best-seller* de Marcos Peres

Rodrigo Casarin

HANA LUZIA



Lembro quando comecei a ler o primeiro livro de Marcos Peres, *O evangelho segundo Hitler*. Iria resenhá-lo para o *Rascunho* e fiquei preocupado: teria que falar mal daquele autor que parecia uma cópia brasileira de Dan Brown. As primeiras páginas indicavam que o que viria a seguir não seria nada muito diferente do que eu já tinha visto em *Anjos e demônios* e *O código Da Vinci*. Quando escolho escrever sobre uma obra, penso sempre que a leitura será prazerosa; criticar negativamente acaba sendo uma aporrinhada dobrada: ter que ler algo ruim até sua última página e ainda escrever sobre aquilo.

Cumprindo o dever de resenhista, segui em frente. Ainda bem. Peres me surpreendeu, subverteu a história e mostrou habilidade para construir uma paródia, um pastiche das obras já citadas, justificando o Prêmio Sesc que já havia recebido em 2014 e merecendo o Prêmio São Paulo que viria a receber como melhor romance de autores com até 40 anos.

“O *Evangelho* tinha esse jeitão duplo: era uma crítica ao Dan Brown e, ao mesmo tempo, tinha capítulos curtos, ganchos folhetinescos entre os capítulos, a inserção de temas de fascínio popular, como sociedades secretas. Para desconstruir o Dan Brown, precisei construí-lo antes, com todos os seus estratagemas típicos”, lembra o escritor em uma longa entrevista por e-mail.

Se em *O evangelho segundo Hitler*, a fim de criticar literariamente Dan Brown, o autor se apoiou em Jorge Luis Borges para construir uma trama conspiratória que envolve Hitler e o nazismo, em sua nova obra, *Que fim levou Juliana Klein?*, a fonte de inspiração é outra: Friedrich Nietzsche. Juliana Klein, a protagonista, é especialista no alemão e obcecada por um de seus postulados. “Usei uma conceituação que Nietzsche deu sobre o tempo – uma conceituação vaga, e que já foi usada por outros pensadores – e o enredo foi construído baseado neste obcecado pensamento. Não deixa de ser uma observação de como a crença cega em uma ideia pode ser nociva. Letal”, explica.

UMA TRAMA FAMILIAR

Que fim levou Juliana Klein? segue a linha clássica dos romances policiais: crimes, investigação, reviravoltas, novos elementos com o passar da história

e um detetive carismático (Irineu de Freitas, no caso). A história começa com um assassinato dentro do belo Teatro Guaíra, em Curitiba, em meio a um simpósio de filosofia. A partir disso, a narrativa centra na história das famílias Klein e Koch, inimigas desde os tempos em que os antepassados dos personagens viviam na Alemanha. Já no Brasil, os integrantes dessas famílias se tornaram intelectuais, construíram linhas de pesquisas diferentes sobre Nietzsche e viraram referências em suas universidades: uma na Universidade Federal do Paraná, a outra na PUC do estado.

O conflito familiar histórico é algo já bastante explorado. Sobre esse enredo, Peres constrói uma trama na qual a questão do tempo extrapola a ligação com Nietzsche. A narrativa é fragmentada e marcada por idas e vindas pelos anos de 2005, 2008 e 2011, como se a narrativa se desse em três momentos, mas estivesse sempre no presente. Vez ou outra, há ainda grandes regressões para buscar as origens dos Kleins, Kochs e suas divergências.

Com avanços e retrocessos, a ideia de Peres era levar o leitor de uma maneira tortuosa, não linear, ao conhecimento dos fatos – algo que consegue fazer com louvor. “Peço desculpas, mas pecarei pela insistência com Borges, mais uma vez. Em seu conto ‘Os teólogos’, um de seus personagens conceitua o tempo cíclico como um labirinto. É uma releitura de um tema constante em sua obra. Normalmente o labirinto é concebido no espaço; em ‘Os teólogos’, Borges narrou um labirinto no tempo”, argumenta ao explicar a escolha pela estrutura.

Ao longo da narrativa, porém, não são apenas as permanentes referências ao alemão bigodudo e ao argentino cego – que, aparentemente, poderá servir de base para a compreensão de qualquer coisa que Peres já escreveu e venha a escrever – que estão presentes. Sartre e Dostoiévski também têm seu espaço, bem como alguns outros grandes escritores. “Mas Maringá não era Londres, e a Polícia Civil não era a Scotland Yard, descobriu. E ler Doyle ou Poe não faria dele um delegado nem traria a estabilidade de que seus colegas de profissão se orgulhavam”, escreve, por exemplo, ao falar de Irineu, lembrando também de Edgar Allan Poe, tido por muitos como



o fundador do romance policial, e Arthur Conan Doyle, o criador de Sherlock Holmes, provavelmente o detetive mais famoso de todos os tempos.

Que fim levou Juliana Klein? nasceu como um conto que seria enviado para uma revista de Curitiba, que exigia que a cidade fosse o cenário da história. Todavia, a narrativa ficou demasiadamente grande e acabou se tornando mesmo um romance. Mas, a esta altura, um problema havia surgido: no conto, Irineu, um delegado de Maringá que já havia resolvido alguns outros pepinos na sua região, viajava à capital paranaense para solucionar um crime que nenhum outro investigador conseguia desvendar. Um “caipira” passando para trás toda a concorrência de investigadores das grandes cidades.

“Pensei em resolver o problema do delegado maringense em Curitiba e achei duas possíveis alternativas: 1. mudar o espaço do romance e situá-lo em Maringá; 2. descrever Irineu como um delegado curitibano. A segunda alternativa me pareceu mais lógica, menos intrusiva, mas havia um grande problema. Irineu é, essencialmente, um caipira de Maringá. Certamente aparecerá mais vezes e tenho certeza que será aqui, no interior do Paraná. Só por isso eu decidi deixar este problema territorial como eu havia formatado inicialmente. Só por isso cometi a aberração de mandar um delegado do interior para resolver uma briga entre gringos professores de filosofia da PUC e da UFPR. Uma puta sacanagem”, conta o escritor.

E Curitiba acaba sendo não apenas um simples cenário, mas um lugar importante para o desenrolar da história, algo que já fica claro para o leitor com as epígrafes que antecedem o livro, com trechos de obras de Paulo Leminski, Critovão Tezza e Dalton Trevisan, talvez os três nomes que melhor representem e universalizem a literatura local. São pequenas referências a viagens, a idas e vindas, que criam alguma tensão já nessa espécie de abre-alas para a narrativa em si.

O delegado, por sua vez, nasceu profundamente influenciado pela profissão de Peres, que trabalha como servidor público no Tribunal de Justiça do Paraná, onde pode acompanhar um pouco da rotina dos delegados da Polícia Civil – exatamente por

isso que Irineu não é um detetive particular. “No *Evangelho*, eu conhecia bem Borges, mas só conhecia a Alemanha [onde a história se passa] pelo Google Maps e pelos livros de história. Tenho, sempre, a necessidade de conhecer o que estou escrevendo. Sinto que, se eu mesmo não me convencer, não convencerei ninguém”, explica, buscando os pontos onde pode se escorar para criar suas narrativas.

FLERTANDO COM O POP

Ao cabo da leitura dos dois livros de Peres, confirma-se que ele busca explorar o formato de narrativas pop para construir algo maior do que o puro entretenimento, num processo de dissolução, utilizando principalmente referências sofisticadas e aplicando elementos de autores como Borges e Nietzsche em seu próprio texto – não apenas os colocando com alguma importância na história, mas fazendo com que a história, de alguma forma, simbolize as ideias desses intelectuais. Em *O evangelho segundo Hitler* a opção foi por desconstruir *thrillers* fanfarrões; em *Que fim levou Juliana Klein*, apresentar uma narrativa policial que se aproxima do formato clássico, ainda que tenhamos um final aberto e elementos requintados.

“Interesso-me pela trama que possua características *pop* e não abduco (ao menos da tentativa) de produzir literatura além do mero entretenimento. É uma proposta arriscada. São dois canais de comunicação distintos, corre-se sempre o risco de que o elogio de um leitor acostumado com literatura de entretenimento seja o adjetivo negativo de um crítico literário. E vice-versa. Com *Evangelho*, essa questão foi constante. Leitores acostumados com o Dan Brown me elogiavam, com a ressalva de que o fim não era o clímax esperado e natural dos livros sobre teorias conspiratórias. Já a Academia viu elogios neste defeito, mas ressaltou o formato folhetinesco, popular”, lembra. “Neste novo livro, não tive um alvo, apenas quis construir uma história policial, como homenagem ao gênero. Mas não sou um ‘escritor policial’ *stricto sensu*. Da mesma maneira que, ao lançar o *Evangelho*, eu disse que não seria apenas um ‘escritor de teorias estapafúrdias’”, pondera.

Trechos*

Sinto em meu sangue. Vejo os fantasmas do passado e sei que o futuro tende a repetir – não é preciso ser um Klein ou um Koch para saber isso. Estudei Nietzsche e aprendi duas coisas. A primeira é que o livre-arbítrio é uma falácia, um argumento covarde dos que não conseguem perceber que o mundo, para o bem e para o mal, está escrito no passado. Nietzsche escreveu em uma parábola: “Esta conversa, os detalhes desta conversa, o que somos, o que fazemos, tudo já foi feito.” A história é finita e cíclica. O fim gera um novo começo. E se o passado inevitavelmente se repete no futuro, devemos compreender, portanto, que o livre-arbítrio é um argumento não dos otimistas, mas dos hipócritas e dos estúpidos, que não conseguem ler o mundo à sua volta. Assim como na literatura: Montecchios e Capuletos, Klein e Koch, quantos não existiram, quantos ainda não existirão? Quantas vezes um delegado do interior não conversou com a filha de um estrangeiro, em busca de solucionar um caso? Somos arquétipos intemporais, Irineu. O que somos, já o foram muitas vezes, e o serão outras tantas, infinitas...

A conversa era remetida com facilidade ao novo preso da Penitenciária Central do Estado, em Piraquara, Salvador Scaciotto. E ainda que ele constantemente fosse lembrado, Irineu fazia forças para não entrar logo no assunto. Ladino, via o chá fumegante e o sorriso de sua interlocutora, mas sabia que aquela finíssima camada de confiança poderia ruir para nunca mais ser refeita. Foi assim que decidiu abordar o assunto “dinastia”, pedindo à mulher que contasse sobre o sangue que pulsava em suas veias. Então, enquanto Juliana falava palavras como “Klein”, “Frankfurt” e “dinastia”, seus olhos pareciam ganhar uma estranha coloração – um argumento que soava clichê, mas era verdadeiro. Não era o verde de seus olhos que ganhava novo matiz, portanto: era a maneira como a moça reagia quando indagada sobre Arkadius, Gunda e Derek, o modo como, inconscientemente mais receptiva e atenta, erguia os ouvidos, arqueava as sobrancelhas, franzia o vermelho lábio e acendia os olhos, que, ao se abrirem, permitiam que mais luz incidisse sobre eles, alterando, afinal, sua coloração. Mudava a luminosidade do olhar, abaixava os longos cílios e logo aquela metralhadora de inquisição cessava fogo, enquanto sua dona fingia mexer o chá. Recuava, a seu modo. Falar dos ancestrais parecia assunto pesaroso, invocava fantasmas de *Frankfurt am Main*.

“Não me disse de sua família”, retomou o assunto Irineu, ao ser pego em flagrante contemplando sua beleza.

“Claro que disse”, retrucou a mulher, sorrindo, novamente na ofensiva. “Sou a caçula de Derek, neta do grande Arkadius Klein e de Gunda Graub, que são famosos na Alemanha...” Parou, corrigiu: “Ou melhor, foram célebres. A fama foi repentina, apenas fruto de seus atos. Hoje, ninguém mais se lembra de nenhum Klein em Frankfurt. São todos fantasmas...” Parou a frase no meio, coçou a cabeça, pediu desculpas, estava novamente errada. “Ah, meu tio Konrad foi herói na guerra e virou nome de rua! É o único Klein sobrevivente. Mas isso não muda nada, é apenas uma rua com o nome de um fantasma. Hoje em dia, em Frankfurt, minha família é ponto de referência para padarias e farmácias, só isso: ‘Passe a Konrad Klein e vire à esquerda.’ ‘Siga pela Klein até o número 300.’ Para isso servem os fantasmas: para referenciar padarias e butiques...”

*Do livro *Que fim levou Juliana Klein?*

HUMOR, AVENTURA E HISTÓRIA EM LIVROS PARA ADULTOS E CRIANÇAS



Assine.
Revista Continente
+
Suplemento Pernambuco
0800 081 1201
e-mail: assinaturas@revistacontinente.com.br



O COMPUTADOR QUE QUERIA SER GENTE
Homero Fonseca

Certo dia, Joãozinho, um garotinho de 10 anos, e Ulisses, seu computador, decidem trocar de lugar por 24 horas. A máquina queria saber como é ser um humano, por pensar que teria toda liberdade que quisesse.

R\$ 30,00



ALGUÉM VIU MINHA MÃE?
Pedro Henrique Barros

Uma menina e uma joaninha vivem o mesmo dilema: uma série de mal entendidos faz com que se sintam abandonadas pela mãe até que os problemas se resolvem e elas compreendem que são muito amadas.

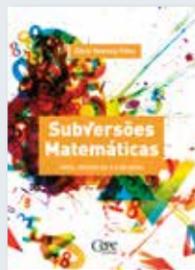
R\$ 20,00



ERA UMA VEZ...
Gabriela Kopinitz dos Santos

A personagem Cigana Contadora de Histórias, criada pela jornalista Gabriela Kopinitz, que costuma ser levado à escolas para sessões de contação, transforma-se em protagonista e narra várias de suas historinhas nesse livro, que promete encantar as crianças.

R\$ 40,00



SUBVERSÕES MATEMÁTICAS - PARA JOVENS DE 8 A 80 ANOS
Décio Valença Filho

Jogos, quebra-cabeças e brincadeiras que utilizam o raciocínio lógico compõem o livro de Décio Valença, engenheiro que se intitula "matemático amador" por ser um apaixonado desta ciência. Inclui historietas atribuídas a gênios da matemática, e decifra os problemas mais difíceis.

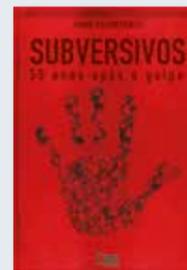
R\$ 40,00



O CORPO E A EXPRESSÃO TEATRAL
Georges Stobbaerts

O livro nasceu das experiências do autor, que aliou a prática de Judô, Kendo, Iaido e Aikido, as filosofias Zen e Yoga e a formação de atores, resultando numa articulação entre a arte e o movimento, da qual nasceu o projeto Tenchi Tessen, que se baseia em reflexão, meditação e ação.

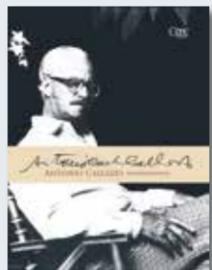
R\$ 25,00



SUBVERSIVOS: 50 ANOS APÓS O GOLPE MILITAR
Joana Rozowykwiat

Alguns dos "subversivos" que atuaram em Pernambuco após o golpe militar de 31 de março de 1964, entre os quais Luciano Siqueira e Humberto Costa, abrem o coração, revelando como se sentem em relação ao passado e o que esperam para o futuro do Brasil. O livro nasceu da tese de pós-graduação em Jornalismo Político da autora.

R\$ 25,00



ANTONIO CALLADO FOTOBIOGRAFIA
Ana Arruda Callado (Org.)

Organizado por Ana Arruda Callado, viúva do biografado, *Antonio Callado Fotobiografia* percorre toda a trajetória do escritor, dramaturgo e jornalista, numa sucessão de textos curtos e saborosos.

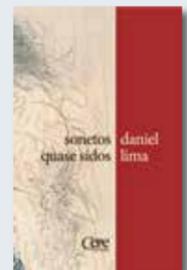
R\$ 90,00



ÚLTIMO PORTO DE HENRIQUE GALVÃO
Ana Maria César

Minuciosa pesquisa sobre o ambiente que cercava o capitão Henrique Galvão, comandante do navio português Santa Maria, que atracou no Recife em 2 de fevereiro de 1961, com 871 pessoas a bordo. Galvão apoderou-se do navio em protesto contra a ditadura salazarista, e recebeu asilo político concedido pelo recém empossado presidente brasileiro Jânio Quadros.

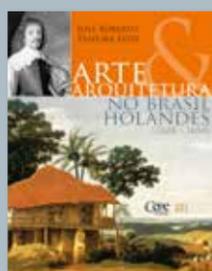
R\$ 45,00



POEMAS 2
Daniel Lima

Poemas 2 reúne as obras inéditas *Cancioneiro do Entortado* e *Dernantonte*, que aproximam uma expressão popular nordestina e uma brincadeira ou canção antiga, num jogo de palavras que revela o apelo à afirmação de alguém que encontra na poesia o meio de, mergulhando em seu íntimo, entregar ao leitor o que descobriu nas profundezas de si próprio.

R\$ 40,00



ARTE & ARQUITETURA NO BRASIL HOLANDÊS (1624-1654)
José Roberto Teixeira Leite

Resultado de 50 anos dedicados ao estudo contínuo das artes e arquitetura no período da dominação holandesa no Brasil, o livro de José Roberto Teixeira Leite, *Arte e Arquitetura no Brasil Holandês (1624-1654)*, se debruça especialmente sobre a Arquitetura, o Urbanismo, a Jardínica e a Cartografia, sem esquecer da Literatura, do Teatro, da Música e das artes decorativas.

R\$ 60,00



A EMPAREDADA DA RUA NOVA

Livro mítico da literatura pernambucana, *A Emparedada da Rua Nova*, escrito por Carneiro Vilela, deve seu sucesso, em grande parte, ao mistério que cerca sua criação: o autor teria retratado um crime verdadeiro e hediondo, em que uma moça indefesa fora emparedada viva, pelo próprio pai, "em defesa da honra da família"? Ou teria Vilela, usando recursos estilísticos de grande qualidade, criado a estória que, de tão bem construída, faz com que até hoje muita gente acredite que ele se baseou em fatos reais?

R\$ 45,00

Cepe
EDITORA

FAÇA SEU PEDIDO **0800 081 1201** livros@cepe.com.br

Apagar os vestígios

Prólogo do livro *A Amiga Genial*, que será lançado em junho pela Biblioteca Azul/Globo Livros

1.

Hoje de manhã Rino me ligou, pensei que ele quisesse mais dinheiro e me preparei para negar. No entanto o motivo da chamada era outro: a mãe dele tinha desaparecido.

“Desde quando?”

“Faz duas semanas.”

“E só agora você me liga?”

O tom deve ter parecido hostil, embora eu não estivesse chateada ou indignada, era apenas uma ponta de sarcasmo. Ele tentou contestar, mas de modo confuso, embaraçado, misturando o dialeto com o italiano. Disse que tinha certeza de que a mãe estava passeando em Nápoles, como de costume.

“Inclusive à noite?”

“Você sabe como ela é.”

“Eu sei, mas você acha normal duas semanas de ausência?”

“Acho. Faz muito tempo que você não a vê, ela deu uma piorada: nunca dorme, entra, sai, faz o que bem entende.”

O fato é que agora ele estava preocupado. Perguntara a todo mundo, passara por todos os hospitais, estivera até na polícia. Nada, a mãe não estava em lugar nenhum. Que bom filho: um homem grande, de seus quarenta anos, que nunca trabalhou na vida, apenas transações e gastanças. Imaginei com quanto cuidado ele fez suas buscas. Nenhum. Não tinha cabeça, e em seu coração só havia ele.

“Por acaso ela está com você?”, indagou de repente.

Sua mãe? Aqui em Turim? Ele bem sabia como iam as coisas, perguntava só por perguntar. Ele, sim, é que era um viajante, viera à minha casa pelo menos umas dez vezes, e sem ser convidado.

Quanto à mãe dele, eu a teria acolhido de bom grado: ela nunca saíra de Nápoles na vida. Respondi: “Não, ela não está comigo.”

“Tem certeza?”

“Rino, por favor: já lhe disse que não está.”

“Mas para onde ela foi?”

Então começou a chorar, e eu o deixei fazer sua cena de desespero, soluços que começavam fingidos e prosseguiam verdadeiros.

Quando terminou, disse a ele:

“Por favor, pelo menos uma vez, comporte-se como ela gostaria: não a procure.”

“O que você disse?”

“Disse isso mesmo. É inútil. Aprenda a viver por sua própria conta, e também não me procure.”

Desliguei.

2.

A mãe de Rino se chama Raffaella Cerullo, mas todos sempre a chamaram de Lina. Eu, não, nunca usei nem o primeiro nem o segundo nome. Há quase sessenta anos, para mim ela é Lila. Se a chamasse de Lina ou de Raffaella, assim, de repente, ela acharia que nossa amizade acabou.

Faz pelo menos trinta anos que ela me diz que quer sumir sem deixar rastro, e só eu sei o que isso quer dizer. Nunca teve em mente uma fuga, uma mudança de identidade, o sonho de refazer a vida noutro lugar. E jamais pensou em suicídio, incomodada com a ideia de que Rino tivesse de lidar com seu corpo, cuidar dele. Seu objetivo sempre foi outro: queria volatilizar-se, queria dissipar-se em cada célula, e que ninguém encontrasse o menor vestígio seu. E, como a conheço bem – ou pelo menos acho que conheço –, tenho certeza de que encontrou o meio de não deixar sequer um fio de cabelo neste mundo, em lugar nenhum.

3.

Os dias passaram. Chequei o correio eletrônico, a

correspondência em papel, mas sem esperança. Escrevi muitas vezes a ela; ela quase nunca respondeu: este sempre foi o costume. Preferia o telefone ou as longas noites de conversa quando eu ia a Nápoles.

Abri minhas gavetas, as caixas de metal onde guardava coisas de todo tipo. Poucas. Tinha jogado fora muita coisa, especialmente o que dizia respeito a ela, e ela sabia disso. Descubri que não tenho nada dela, nem uma imagem, um bilhete, uma lembrancinha. Eu mesma fiquei surpresa. Será possível que em todos esses anos ela não me tenha deixado nada de seu ou, pior, que eu não tenha querido guardar nada dela? É possível.

Desta vez fui eu que liguei para Rino, e o fiz a contragosto. Não respondia nem no fixo, nem no celular. À noite ele me ligou, sem pressa. A voz era de quem buscava estimular um sentimento de pena.

“Vi que você ligou. Tem notícias?”

“Não. E você?”

“Nenhuma.”

Me disse coisas sem sentido. Queria ir à tv, um programa que trata de gente desaparecida, fazer um apelo, pedir perdão à mãe por tudo, implorar que voltasse.

Fiquei ouvindo pacientemente e então perguntei: “Você olhou no armário dela?”

“Para quê?”

Naturalmente nunca lhe ocorrera a coisa mais óbvia.

“Vá lá ver.”

Ele foi e se deu conta de que não havia nada lá, nenhuma das roupas da mãe, nem de verão nem de inverno, apenas velhos cabides. Depois o mandei procurar pela casa. Os sapatos tinham sumido. Sumiram os poucos livros. Sumiram todas as fotos, e também os filmes caseiros. Sumiram o computador e até os velhos disquetes que se usavam antigamente, tudo, cada detalhe de sua vida de bruxa eletrônica, que começara a exercitar-se com calculadoras já no fim dos anos 1960, na época das fichas perfuradas. Rino estava espantado. Então eu disse a ele:

“Tome o tempo que quiser, mas depois ligue e me diga se achou alguma coisa dela, nem que seja um alfinete.”

Ele me ligou no dia seguinte, muito agitado.

“Não encontrei nada.”

“Nada de nada?”

“Não. Recortou todas as fotos em que aparecíamos juntos, até as de quando eu era menino.”

“Você procurou bem?”

“A casa toda.”

“Inclusive no porão?”

“A casa toda, já disse. Até a caixa de documentos sumiu: certidões de nascimento velhas, contratos telefônicos, boletos. O que significa isso? Alguém roubou tudo? O que estão procurando? O que querem de minha mãe e de mim?”

Tratei de acalmá-lo, disse que ficasse tranquilo. Era pouco provável que alguém quisesse alguma coisa, especialmente dele.

“Posso passar um tempo em sua casa?”

“Não.”

“Por favor, não estou conseguindo dormir.”

“Vire-se, Rino, não posso ajudar.”

Desliguei e, quando ele tornou a chamar, não atendi. Fui me sentar à escrivaninha.

Como sempre Lila exagerou, pensei.

Estava extrapolando o conceito de vestígio. Queria não só desaparecer, mas também apagar toda a vida que deixara para trás.

Fiquei muito irritada.

Vamos ver quem ganha desta vez, disse a mim mesma. Liguei o computador e comeci a escrever cada detalhe de nossa história, tudo o que me ficou na memória.

INÉDITOS

Igor Gomes



Mais do mesmo feat. “Bad romance”

As demissões já tinham ocorrido quando cheguei no estúdio. Foram 12 no total. Pensei: “Alguns poderiam dizer que não foi tanto se compararmos a redações que demitem 30 ou 40 de uma vez”. Mas era gente que estava no jornal há dez, vinte anos.

Olhei meus amigos, todos com cara fúnebre. Ninguém próximo havia sido demitido, nem mesmo os colegas de editoria. Os que se foram eram aqueles que só conhecíamos pelas piadas em voz alta, pelas histórias contadas por terceiros e por um “E aí? Tudo bom?” ou um reles “Bom dia”. Havia alguma simpatia.

Entrei na redação no fim da manhã. Quando passei pela sala-aquário de Juraci, Jura, o diretor de redação, o vi sentado com seu adjunto e a editora executiva. Não consegui ouvir nada. Soube depois que, dos 12 demitidos, ele recebeu cinco em sua sala. Fez questão de, ele mesmo, dispensar os mais antigos.

Sentado em cima de uma bancada perto da escada, no fundo da redação, vi grupos de três ou quatro pessoas se compondo e decompondo com espontaneidade inconsciente. Semblantes sérios.

Os que brincavam eram minoria absoluta, mas divertiam. “Ei, tu que só fala de iPad”, disse o editor-assistente de Cotidiano para o setorista de Tecnologia, “Tão te chamando lá no *lounge* do Jura”. A gargalhada foi geral.

Quando dei por mim, eram duas e meia da tarde. Acabávamos de voltar da reunião de pauta. Os três chefes da redação – diretor, diretor adjunto e editora executiva, todos jornalistas – estavam perto da entrada do lugar, em um espaço visível para todos. Os jornalistas, diagramadores, fotógrafos,

contínuos e estagiários se aproximaram. Assembleia improvisada.

“Bem, é óbvio que estamos aqui para falar sobre o que aconteceu hoje”, começou o velho Jura. “Foi com grande dor que demitimos hoje profissionais exemplares. Muitos deles entraram aqui como estagiários há dez, quinze anos. Não é fácil, mas estamos vivendo um momento de mudanças.”

“Vocês sabem que a internet vem, há alguns anos, fazendo com que os jornais repensem o modelo de negócio”, emendou a mulher. “As pessoas hoje têm mais acesso à informação e hoje nossos leitores, de acordo com a pesquisa, são pessoas mais velhas. Em geral, aposentados”.

A pesquisa a que ela se referia era um estudo de mercado encomendado pelo jornal. O resultado era repassado aos funcionários da empresa em contágotas. Naquela época, o público idoso era uma das pouquíssimas conclusões conhecidas.

“O número de leitores só faz cair”, prosseguiu ela. “E não há renovação do público. Por isso que nós tivemos que cortar a própria carne: para reduzir custos.”

“E, só para pontuar, diante da concorrência com a informação gratuita que a internet proporciona, não existe possibilidade de fazer um reajuste decente nas assinaturas. Nem nos anúncios, que diminuem dia a dia. É duro, mas é a realidade. Vejam, do jeito que anda, se durarmos dez anos, duraremos muito!”, declarou o diretor adjunto.

Em algum ponto do fundo da redação completamente silenciosa começou a tocar um celular. Era o começo inconfundível de *Bad romance*, hit de Lady Gaga. De tão alta, parecia que eu estava escutando a música no computador ao lado.



“Quero que vocês saibam”, continuou Jura. Olhei para o lado e contemplei o rosto funéreo das pessoas. “Oh-oh-oh-oh-oooh-oooooh-oooh caught in a bad romaaance”. Segurei o riso. Lady Gaga continuou como *backing vocal* do diretor. Todos pareciam desconhecer o barulho.

“Quero que vocês saibam que não foi fácil. Estamos fazendo de tudo para poder nos manter de pé. Muitos jornais já fecharam. Vejam o *Jornal do Brasil*! Hoje só existe versão *on-line*, porque não houve como dar conta.”

Neste ponto, editora executiva tomou a palavra e Lady Gaga pulou para o refrão.

“Estamos aqui também para anunciar um novo produto que fará parte do jornal quando virar o mês. Ele se chama PLUS e vai sair aos domingos. No sentido de “mais”, mesmo. Vamos colocar apenas coisas boas, parar de falar de mortes, problemas e afins”.

Continuou o diretor adjunto (refrão repetiu):

“A ideia é que seja um produto leve. Por exemplo, uma pauta sobre o estilo de se vestir e de se comportar de Cristiano Ronaldo. É uma pauta interessantíssima para esse novo produto”.

Não contive uma cara de nojo diante do que acabara de ouvir, mas abaixei a cabeça rapidamente a tempo de esconder. A cantora voltou para o início (“Oh-oh-oh-oh-oooh-oooooh-oooh caught in a bad romaaance”), mas parou abruptamente assim que o verso terminou. A dona do celular – colunista social – fora desligar o aparelho.

“Asseguramos que, com a demissão deles, reduzimos os gastos de maneira satisfatória, o que nos permite prometer que, este ano, não deve ocorrer mais nada desse tipo”, garantiu Jura. “Perguntas?”

*Rah-rah-ah-ah-ah!
Roma-roma-ma!
Ga-ga-oooh-la-la!
Want your bad*

*I want your love and
I want your revenge
You and me could write
a bad romance
Oh-oh-oh-oh-oooh!*

*Rah-rah-ah-ah-ah!
Roma-roma-ma!
Ga-ga-oooh-la-la!
Want your bad romance*

Setorista de cinema: “Como vai funcionar esse PLUS? É dominical, então vamos ter que escrever nossas matérias de domingo e também uma matéria para ele?”

“Querida, é o seguinte”, respondeu o adjunto, “nós enxugaremos os cadernos de domingo. Eles serão menos trabalhados. As matérias especiais que normalmente sairiam nele agora sairão no PLUS.”

Olhei para os lados. Todos atordoados, a ficha ainda não tinha caído.

Um designer perguntou: “O PLUS vai contribuir para a redução de custos?”

Jura tomou a palavra. “Pode apostar que sim, filho. Com ele, concentramos os bons trabalhos em um único lugar e ainda economizamos papel e tinta. Ele vai ter a aparência de uma revista, mas com formato *standard*. Não será necessário ter reportagens de todas as editorias. E vocês poderão propor matérias fora dos setores e editorias de vocês.”

“E, também, tá todo mundo cansado de ver desgraça. O PLUS vai dar mais leveza à pauta do jornal”, finalizou a editora executiva.

Não houve mais perguntas. Após os agradecimentos da direção, a assembleia dispersou lentamente em pequenos grupos de discussão sobre as novidades.

Ao lembrar a dança dos acontecimentos, dos discursos e dos corpos formando e dissolvendo grupos, me vem a imagem dos ritos que antecedem o enterro. As músicas cantadas pelos amigos, talvez. O padre ainda não começara a rezar a missa, imagino. Porque ele só começa quando o funeral está próximo do fim. E este vai levar alguns anos para acontecer.

RESENHAS

HANA LUZIA



Lembranças da vizinha que canta e escreve

De quando Karina Buhr namorava no portão e estudava em colégio do centro do Recife

Raimundo Carrero

Foi na rua Ambrosina Carneiro, Casa Forte. Ela morava no prédio novo mas torto, que ameaçava cair a todo instante, sustentado por injeções de cimento, namorava no portão e estudava no Contato. Karina Buhr, bela adolescente, chegou a dar entrevista nos jornais, dizendo que eu era seu escritor favorito. Fiquei babaca, bestando pelos cantos. Acreditei, é claro, e disse para a rua inteira ouvir. “Essa menina tem futuro.” Eu nem sabia mesmo o que ela gostava de fazer. Tocaria piano, violão ou atabaque? A mãe, aquela senhora baixinha com os cabelos de índia, que eu nunca soube o nome, era professora de piano e de inglês. Foi o que me disseram. Se estiver enganado, não provo nada.

A menina namorava no portão do prédio, discreta e sutil. Se fazia alguma coisa, além de beijar e afagar, era por baixo dos panos. Agora que o futuro chegou é revolucionária, maravilhosa e forte. Tem futuro, sim, e o futuro é

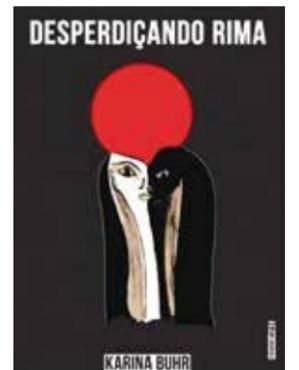
agora. Canta, este cantar debochado e aflito de bluseira apaixonada e aflita: “Desperdiço-te-me.” Voz de guitarra entricheirada na dor, no pranto e na solidão, com um copo de uísque entre os dedos. E escreve. Faz assim, sem ter nem ver, as duas coisas que tentei fazer a vida inteira: música e literatura. Por isso fui escrever e tocar sax. Muita alegria sofri tocando o meu esquisito saxofone nas dobras da noite. Também já fui jovem. Mentira? Te esconjuro. Veja bem. Escancara o gerúndio, que eu morro de medo, na capa do livro, com uma ousadia de menina saliente – *Desperdiçando rima*. Estudasse redação, já estaria condenada, “eduque o gerúndio, garota”. Mas ela, graças a Deus, não é escritora de terninho e sapatinho, se abraça com os mariscos. Gerúndios, imperfeitos, advérbios e adjetivos que se f*. Não é, Karina?

Este é um livro que treme luz em vício de boate, louco, engasgado, sofrente. Tinha graça, Karina escrevendo livro de terninho e gravata borboleta, texto cirúrgico, chamado pra dançar no escurinho do cinema. Karina é berro de dor, de açoite, de pranto. E de prazer, este prazer que torna o homem marcado pela morte e pela alegria, sentindo o sol no peito e se desmanchando em gozo, mais pura do que camisa alva manchada de sangue.

Quero ler Karina, quero cantar com Karina, estes poemas de medonho fogo, as labaredas subindo para queimar minha língua e ofuscar meus olhos. Assim: “Quem sabe a norma erra a forma. Quem tem culpa faz sofrer”. Minha vizinha escreve certo por linhas tortas, feito gato no telhado. Era minha vizinha, é minha vizinha e a gente nunca trocou uma palavra, um reles bom dia sequer. Nem mesmo

naquele dia, domingo à tarde, em que nos encontramos no ônibus de Olinda, você estava saindo da praia, os cabelos molhados, pandeiro na mão, e nem me viu.

Eu nunca soube que ela escrevia, ela nunca soube que eu tocava saxofone nos Tártaros, e cantar é para mim o que eu sempre quis. É assim, a vida passa, até a uva passa.



REPORTAGEM

Desperdiçando rima
Autora - Karina Buhr
Editora - Rocco
Páginas - 192
Preço - R\$ 24,50

Mariza Pontes

NOTAS DE RODAPÉ

BACH NO BRASIL

Estudo sobre as cantatas foram lançados na Alemanha em 1971

Chega ao Brasil, graças à Editora da Universidade do Sagrado Coração (Edusc), a tradução de *As cantatas de Bach*, estudo do alemão Alfred Dürr considerado uma referência para os estudiosos da obra de Johann Sebastian Bach (foto), que constitui um dos monumentos da música ocidental e síntese do barroco, a ponto do final desse período ser contado a partir do ano

da morte do compositor, 1750. A versão brasileira do estudo de Dürr conta com 1.406 páginas, traduzidas pelos especialistas Claudia Sibylle Dornbusch e Stefano Paschoal, com revisão técnica musical de Marcos da Cunha Lopes Virmond. Ele apresenta o contexto histórico de cada cantata, analisa a relação com o evento a que se refere, e dissecou sua estrutura musical.

REPRODUÇÃO



VÂNIA LARANJEIRA / DIVULGAÇÃO



Fim: modos de usar

É com uma espécie de manifesto que Eucanaã Ferraz começa o seu novo livro, *Escuta*: “Estão certas todas as canções banais letras convencionais seus corações como são de praxe; estão certos os poemas enfáticos inchados de artifícios à luz óbvia da lua ou de estúpidos crepúsculos; os sonetos mal alinhavados toscos estão certos bem como as confissões íntimas não lapidadas reles nem polidas”. Um dos mais importantes poetas contemporâneos do Brasil, ele tem na ideia da morte o ponto de atração da obra. Há assassinatos, guerras, suicídios, além de outras formas de finitude mais metafóricas, ainda que igualmente dolorosas. A seção Memórias póstumas é dedicada “à memória de todos os amantes/mortos em combate”. Nela estão presentes textos afetivos extremos, navalha na carne. Esse extermínio

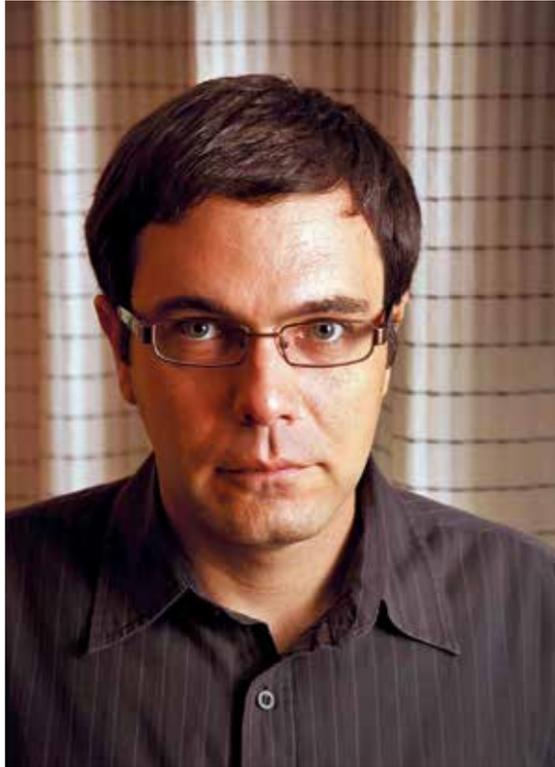
do livro também é geográfico, percorrendo espaços nos versos que passam por Ruanda, Congo e Líbano, mapas por onde pululam histórias de violências extremas. Mas como o autor deve acreditar no exercício da ressurreição, há uma seção do livro chamada justamente de Alegria.



POESIA

Escuta
Autor - Eucanaã Ferraz
Editora - Companhia das Letras
Páginas - 136
Preço - R\$ 34,90

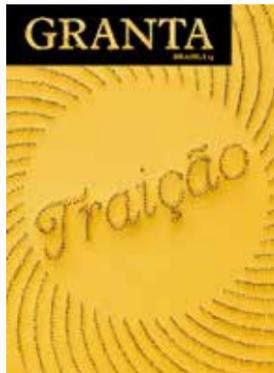
MARCELO TABACH / DIVULGAÇÃO



A versão das vítimas

Mais uma compilação da Granta chega às livrarias com um dramático título. Algo que, de cara, revela os conflitos odisséicos porvir em textos que, seja na intimidade do trivial familiar ou nas grandes narrativas históricas, expõem a banalidade da mentira. Destaque para o conto de José Luiz Passos (foto), em uma revisão romaneada sobre o cruzamento de dois personagens históricos para o Brasil: o alagoano marechal Floriano Peixoto e o pernambucano sargento Silvino Honório de Macedo (com participação especial de Napoleão Bonaparte). Cruzando o cotidiano e os elementos afetivos que cercam ambos, Passos ficcionaliza personagens históricos e dá dimensões à memória que os vencedores nos

ensinaram a lembrar: “Por que será tão importante descrever o vulto e origens dos nossos rebeldes? Porém, outra pergunta ainda melhor é a seguinte: por que não seria relevante entender como a história e o corpo das nossas vítimas mudam conforme quem as observa?”



ENSAIO

Granta - Volume 13
Autores - Vários
Editora - Alfaguara
Páginas - 99
Preço - R\$ 41,90

PRATELEIRA

A RUA DA LITERATURA E A LITERATURA DA RUA

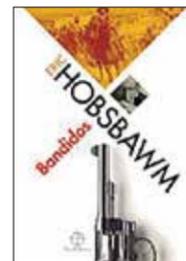
A professora de Letras Ivete Lara vê a rua como espaço representativo da cidade, essencial como palco na vida política, social e cultural, mas também como cenário para a construção da narrativa literária, sobretudo pelas interseções com o segmento dos marginalizados e excluídos em tempos diversos, os quais são, ao mesmo tempo, objetos e sujeitos dessa narrativa, enquanto personagens e agentes sociais.



Organizadora: Ivete Lara
Camargos Walty
Editora: UFMG
Páginas: 207
Preço: R\$ 58,00

BANDIDOS

Os elementos políticos, econômicos e sociais que favorecem o surgimento do banditismo são dissecados por Hobsbawm, que mergulha na análise do imaginário sobre poder, violência e justiça popular, e a contradição entre horror e fascinação que muitas vezes leva ao reconhecimento e proteção de quem representa uma recusa individual às forças sociais e à autoridade. O livro é ponto de partida para os estudos contemporâneos sobre o banditismo.



Autor: Eric J. Hobsbawm
Editora: Record
Páginas: 252
Preço: R\$ 49,00

DO OUTRO LADO DO MURO

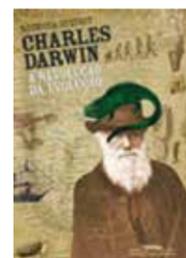
O livro conta a história de dois amigos de infância que sonham pilotar aviões quando crescerem. Enquanto brincam com aviões de papel, evolui a amizade entre eles, apesar das diferenças sociais e de personalidade. Mas somente um mostra persistência e determinação suficientes para conseguir experimentar a liberdade de voar. Com essa obra, a autora procura levar as crianças a refletirem sobre a importância das escolhas. As ilustrações são de André Ceolin.



Autora: Regina Siguemoto
Editora: do Brasil
Páginas: 32
Preço: R\$ 29,40

CHARLES DARWIN - A REVOLUÇÃO DA EVOLUÇÃO

Steffoff traça um retrato do cientista que desenvolveu a Teoria da Evolução das Espécies, focando em sua formação e na famosa viagem de cinco anos ao redor do globo, a bordo do navio Beagle, quando Darwin estudou a fauna das Ilhas Galápagos, lançando as bases do que seria uma das maiores descobertas científicas do século 19. A autora também diseca a personalidade do cientista e seu processo de reflexão, partir de suas anotações e seu famoso diário.



Autora: Rebecca Steffoff
Editora: Companhia das Letras
Páginas: 128
Preço: R\$ 36,00

EXEMPLO

Amor aos livros revela um talento literário

Deve-se a um blog sobre livros e filmes o sucesso do estudante paulista Gabriel Lucena de Mattos, de 14 anos, que se transformou em exemplo a ser seguido em todas as escolas brasileiras. Gabriel, que já venceu concursos de redação, vem sendo convidado para apresentar o blog em inúmeros eventos, entre os quais a 23ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, em 2014.

CONEXÕES

Linguagens artísticas atraem público de Surubim

Surubim, no Agreste de Pernambuco, confere até o dia 30 a Exposição Conexões Urbanas, que integra o projeto Artistas da Cidade, promovido pelo Sesc Ler Surubim. A mostra está em cartaz na Praça Antônio Pereira de Melo Silva, no centro da cidade. A programação inclui debates sobre grafite, fotografia, artes plásticas, música, literatura, teatro e dança.

DIGITAL

Arquivos abertos ajudam a preservar história

O Vaticano vai adotar os formatos de arquivo aberto para sua Biblioteca continuar sendo um acervo de conservação da história, através da expansão das salas de leitura, quer guardam cerca de 82 mil manuscritos. OL formato digital escolhido é o FITTS, que recebe atualizações regularmente e é capaz de armazenar informações 3D, para todo tipo de dados, com os documentos salvos em imagens.

CRÔNICA

Rogério Pereira

HANA LUZIA



Cachorros sempre voltam

1. O pai tentou nos matar algumas vezes. Nunca conseguiu. A faca reluzia na casa descarnada, de tábuas gastas por um tempo incerto. Quando ele apontava na esquina, na ladeira onde ficávamos dependurados, o corpo trôpego, a incerteza do equilíbrio a tecer um ritmo desesperado, o pavor roçava-nos no quarto – frágil esconderijo contra um lobo faminto. Nem sabíamos da história dos três porquinhos, mas habitávamos a casa de madeira. A de palha ficara na roça. Nossos nomes não eram Cícero, Heitor e Prático. Carregávamos nomes iniciados todos pela letra R. O pobre tem manias estranhas ao nominar seus sobreviventes.

O olho do pai era brasa no rosto vincado, em cuja testa saltava a cicatriz desconhecida. Não nos iluminava. Queria nos incinerar, retorcer nossa pele de criança, transformar a gordura inexistente em torresmo ordinário. Às vezes, para nossa alegria, fãmos lá na rua arrastar o pai até em casa. Era a certeza de que naquela noite não teria forças para desejar a morte de ninguém. O peso do corpo aliviava a nossa sina. Carregávamos o pai para debaixo do chuveiro. A água nos livraria temporariamente do brilho cego da faca a relampejar na escuridão.

Era sempre igual: olhava-nos com ódio, balbuciava sílabas desconexas e abria a gaveta da pia. A faca saltava feito uma jiboia faminta. A mãe gritava. E nós – três crianças, quase porquinhos rosados – nos encolhíamos a um canto. Eu mato um de vocês. Qual seria? De quem seria o sangue a escorrer no assoalho de frestas ridículas? O trovão ecoava nas telhas, reboteava no beiral e estufava a pança magra da casa.

Mas sabíamos que o pai não desejava nos matar. Não teria capacidade. Era o demônio,

dizia a mãe agarrada ao terço, à reza miúda na boca banguela. Na parede, à cabeceira da cama, aqueles galhos secos benzidos. Tínhamos de acreditar em algo. Mas aqueles tufos de folhas sem vida colhidos no Domingo de Ramos não suportariam a lâmina desgovernada. O demônio morava no bar, a poucos metros do ponto de ônibus, dentro de uma garrafa. A garrafa atirada ao mar só nos trazia tempestade.

2. A cadela era uma ironia a rosar no terreiro. Ninguém sabia como surgira. Um dia, fazia parte da nossa vida. E por ali ficou. Raspava o pelo eriçado nas ripas da casa. Mancava de uma das patas traseiras. Era uma risível mistura de pastor alemão com uma matilha de vira-latas. Carregava no lombo o nome Princesa. Uma estropiada princesa num reino de flagelados.

Um dia, o pai nos quis bem vivos. Precisava da nossa ajuda para se livrar do incômodo canino. Princesa não o agradava nada. O plano era prosaico: levar o animal para bem longe de casa. Que passasse fome sozinha. Ou encontrasse outro reino de famintos para ostentar a decrepita realeza. Esperamos a noite cobrir a floricultura onde morávamos de favor. O pai ligou a velha Kombi e enfiamos Princesa na parte de trás, perto do barulhento motor. Eu e o irmão seríamos seus algozes – dois meninos assustados na escuridão. Seguramos Princesa nos solavancos que o pai produzia ao volante. A amparamos como se não a estivessemos levando ao cadafalso, à fogueira em praça pública.

À beira do matagal, o motor da Kombi silenciou. O pai abriu a porta e arrastou Princesa para fora. Ouvimos um “vai” firme e decidido.

Princesa permaneceu estática. Ganiu seco e baixinho, resignada com a sentença. Por que o pai nos levava com ele? Talvez quisesse nos mostrar um destino possível. Talvez quisesse nos deixar lá também, ao lado da cadela que surgira em nosso terreiro.

Na volta para casa, nada falamos. O pai ao volante. Nós, sobre o motor ao fundo.

3. O pai ainda tentou nos matar mais algumas vezes. Nunca conseguiu. Fugíamos sempre. Não era difícil escapar de sua fúria mam-bembe. Éramos pequenos palhaços a animar o público à espera da atração principal. Um dia, cresceríamos e nunca mais teríamos de alimentar aquele espetáculo. Restaria apenas a lembrança das noites insones.

4. Quando a mãe abriu a porta para nos despejar em direção à escola, o sol infiltrava-se por entre samambaias e azaleias. O dia nascia. Ficamos ali parados. Ninguém se mexia. Princesa vinha em nossa direção. Quanto se passara desde que a abandonamos no matagal? Não sabia ainda medir o tempo dos adultos. Mas tinha certeza de que eram muitos dias. A cadela mancava da pata direita traseira. Arrastava o focinho rente ao chão. A poeira não parecia incomodar. Aproximou-se lentamente. Olhou-nos com indiferença. Aninhou-se ao lado da gamela, cuja utilidade era nenhuma. Quando voltamos da escola, Princesa permanecia deitada ali. O pai deixou-a ficar, sem qualquer explicação. Passamos a brincar todos os dias em volta de Princesa. Ela parecia gostar da nossa companhia. Nós também.

É mais fácil amar um cão do que perdoar um pai.